



TERRA LINHA PLANTA ORAÇÃO



Essa publicação conta com audiodescrição
acessível através de aplicativos leitores de tela

Ana Paixão de Carvalho
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno Pinheiro
(organizadoras)

**TERRA
LINHA
PLANTA
ORAÇÃO**

CHÃ
coletiva da terra

Apresentação			
O cordão da história	9	Dona Maria Benedito	59
		Dona Maria Bezerra	67
		Dona Neli	75
		Maria Silvanete	85
Nota editorial			
Terra Linha Planta Oração	17		
		Ramificações	
Primeiro Fio		Catarina	107
Construindo uma chã de terra aprendiz para um bem viver	23	Moisés	113
		Francisco Carlos e Maria Ni	119
		Cidália	127
Segundo Fio			
Das mãos. Jeito especial de cuidar. Das mulheres.	29	Os Bordados	
		Narrar o tempo, curar os sonhos	134
Raízes Pivotantes			
Dona Maria de Lourdes	37	A Equipe	160
Dona Maria Djesus	45		
Dona Maria Ferreira	53	Créditos	164



APRESENTAÇÃO

O cordão da história

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Este trabalho é uma continuidade daquilo que temos feito em nossa comunidade desde que chegamos aqui – essa construção coletiva, de plantio, de capacitações, de rodas de saberes, de cuidado. E as alianças, as parcerias que fazemos, são justamente para nos ajudar a conduzir esse cordão, que vem desde muito antes de nossas mães e de nossas avós. É um trabalho de trilhar a nossa história enquanto mulheres, enquanto mães e, também, enquanto filhas.

Precisamos registrar a nossa história, a história dessas mulheres que estão aqui, que são mulheres guerreiras, mulheres que sempre conduziram suas vidas, que conduziram e criaram suas famílias, seus filhos, seus netos, suas roças. Assim, desenvolver este projeto nos Paus Dóias, hoje, é afirmar que nós existimos. Por isso meu esforço em trazer cada uma delas aqui, ouvir suas histórias, escrever seus nomes, mostrar seus desenhos, seus retratos. São mulheres que fazem trabalhos belíssimos na sua lida diária, desde o plantio, ao alimento, ao dar de remédio, ao fazer o rabisco para

o bordado – esse trabalho cotidiano que é tão bonito e quase nunca é reconhecido.

Nós temos aqui mulheres com vários filhos, com doze, dezoito, vinte filhos. São mulheres que guardam muitos saberes, que são farmácias vivas, farmácias que conduzem seus filhos. São também essas mulheres que conduzem seus estoques de alimentos, que vão atrás, que dão um jeito, que manejam o alimento e a saúde de suas famílias. Mulheres que aprendem com a Caatinga resistência e resiliência.

Nesse sentido, registrar essas mulheres é dizer que somos tudo isso, que carregamos toda essa história de luta. É dizer, também, que somos fortes, que somos muitas e que resistimos. Ouvir suas histórias e registrá-las é necessário para que a gente possa continuar a dizer que somos filhas dessa terra, assim como são os nossos filhos, netos e bisnetos. Então, registrar toda essa existência, tudo isso que pulsa em nosso território, é essencial – é o princípio da vida. E o princípio da vida está nessas mulheres.

Transformar essas histórias em um caderno que vai adentrar suas casas, que vai circular nos celulares dos seus filhos, dos seus maridos, dos seus vizinhos, nas escolas do nosso entorno é, também, uma forma de manter esses ensinamentos vivos, uma maneira de fazer com que essas crianças e esses jovens sintam a força dessas mulheres e as reconheçam em toda sua potência. É somente nesse encontro de gerações que se torna possível a irradiação desses saberes que também constituem a identidade do nosso território.

Eu sempre conto as histórias dos lambedores que mãe fazia. Eu gostava muito de tomar esses lambedores, porque tinham o gosto da malva-do-reino. Como a gente

morava longe dos médicos, mãe tinha sempre em casa um quintal cheio de plantas: era arruda, era alfazema, era losna, era mostarda, eram as plantas que ela pegava e fazia os remédios. Pegava girassol e fazia café pra dor de cabeça, malva-do-reino pra fazer lambedor, chá de pitanga para dor de barriga. Antes, o remédio e a farmácia do povo eram essas plantas.

Quando eu comecei a fazer meus próprios lambedores, mãe me perguntou com quem eu tinha aprendido e eu respondi: “e não foi com mãe!?” Ela não se lembrava mais. Por isso a importância desse trabalho, dessa partilha. São essas as histórias que contamos e relembramos nessas rodas. Contar essas histórias, bordar essas histórias é como um benzo, é como uma oração, é um processo de cura de nós mesmas.

Cada pequeno passo desse, cada um desses pequenos reavivamentos, isso que a gente busca de volta em cada uma dessas mulheres, é a nossa história. E trazer isso de novo para perto de nós mesmas é algo tão profundo – são saberes que aprendemos com nossas mães, que por sua vez aprenderam com nossas avós, que aprenderam com nossas bisavós. É esse o cordão da nossa história. Quando nos juntamos para trocar e reunir nossos saberes numa roda de conversa, numa roda de bordado, estamos falando de uma construção muito antiga, é do nosso povo que estamos falando, da nossa identidade.

Independente da idade, estamos sempre aprendendo e ensinando. Quando buscamos essa identidade enquanto comunidade, percebemos que ela está fortalecida, está enraizada, está nos galhos, nas raízes, nas sementes. Está, também, nesses desenhos que fizemos agora e que a gente percebe que eram os

mesmos rabiscos que as mulheres faziam para bordar no couro das suas crianças.

Isso me lembra muito minha mãe, ela sempre fazia ramos de flores, riscava com carvão e bordava no paninho. Nesse sentido, esse nosso trabalho perpassa gerações - crianças, adolescentes, gente mais jovem, gente mais velha e as mulheres que guardam esses saberes. Os bordados que fizemos para o caderno nos dias que passamos juntas estão na nossa memória, trazem as mesmas plantas com que se fazia um chá quando alguém estava com dor de barriga, o mesmo vasinho de flor que se bordava no vestido de uma criança. São histórias que trouxemos de volta aqui, suas ramificações. A memória desses gestos permitiu que cada uma dessas mulheres se lembrasse da saúde, dos sonhos, de si mesmas. Esse é o processo de nossa cura, nosso benzo coletivo.

É isso o que trabalhamos no nosso dia a dia: a planta que você cultiva é a mesma que você prepara o chá, é a mesma que você usa de alimento, é a mesma que você faz o risco para bordar, é a mesma que você se lembra que sua mãe usava, está tudo entrelaçado. É muito bonito quando vemos um jovem ou uma criança que borda uma planta que faz parte do seu imaginário, que vem de uma história que é a história do nosso território, que é a história construída por nossas mães, nossas bisavós e nossas avós.

São bordados que saem das entranhas das famílias, do povo de um lugar, rabiscos que estão lá, adormecidos, e que aqui, a gente fez renascer, fez continuar, e que também reinventamos. Porque contar essas histórias, no presente, junto com os mais jovens, é trazer também novos detalhes, novos rabiscos - como uma borboleta no meio dos cachos de flor, da menina

Roseli. As flores estavam lá atrás, nos bordados das nossas mães, mas as borboletas só chegaram agora. Isso é a ancestralidade: aquilo que vem desde muito tempo, mas que continua e se transforma.

Quando um jovem borda a mangueira do seu quintal, você compreende que aquela mangueira diz da sua infância, diz da mãe dele, que sempre trazia manga da cidade e plantava as sementes no entorno da casa. Essa semente está incorporada na história dele, no seu imaginário. Quando ela se transforma em bordado, entendemos que isso é nossa identidade, aquilo que nos constrói enquanto sujeitos, enquanto comunidade. Cada um que desenhou e bordou para este caderno, desenhou baseado na sua história, na sua meninice - seja um quintal, a casa antiga da avó, ou um raminho de flores do altar.

Isso quer dizer que nosso território está nas mãos de cada um de nós, atravessa as mãos de cada um de nós. Construir essa história é trazer esse gesto dos dedos, das mãos, mesmo quando não enxergamos mais, mas temos a memória do ponto, do caseado, assim como conhecemos a lida de todo dia e as histórias de antes. Quem constrói essa história é quem a faz. Então, nossas rodas, esse caderno, são lugares de sabedoria muito profundos, de partilha, de renascimento. São, também, rodas de saúde, de produção de vida e de alegria.

Gosto de pensar como estamos interligadas, como uma rede. Pensar essas mulheres que impulsionam a vida em comunicação com a natureza. Lembrar suas histórias de vida e como geram vida também. De como, ao mesmo tempo que são dor, são remédio e acalento. Uma planta é também uma beleza, que traz o belo, que harmoniza um lugar, que traz o remédio que cura.

Quando uma mulher costura, quando ela faz um chá, quando ela borda, o que vemos é essa alquimia, que é conexão, que é vida e reencontro consigo mesma. Dessa maneira, esse caderno é também a alegria do encontro que vem da conversa, do trabalho com as mãos, o domínio das plantas nas mãos, a sabedoria que ganha corpo através das mãos.

Estou muito feliz por essa construção, por pensarmos juntas onde o ramo se comunica com o benzo, onde o benzo se comunica com o rezo, onde o rezo se comunica com o alimento, com a cura, com o nosso cotidiano, com o nosso dormir e acordar, com o nosso fazer e os nossos desenhos, onde se comunicam e dizem, afinal, da nossa existência.

É isso o que nos dá força para dizer que nós somos a Serra dos Paus Dóias, que somos Exu, Pernambuco, que somos o território Sertão do Araripe, esse sertão que se abriga dentro desse país chamado Brasil.

Nossa história é essa.



NOTA EDITORIAL

Terra linha planta oração

Ana Paixão de Carvalho

Território afro-indígena situado no alto da Chapada do Araripe, sertão Pernambucano, a Serra dos Paus Dóias abriga conhecimentos ancestrais de cultivo e uso dos matos de cura e alimento, manejado por agricultoras, raizeiras, benzedeiros, mezinheiras e curandeiras - mulheres que têm suas vozes sendo reavivadas e reconhecidas nas suas famílias, comunidade e no seu entorno. Essas mulheres são raízes, sementes, chão, terra, casa e alimento; irradiam uma diversidade de saberes de cura e práticas de cuidado cotidianos, passado de geração em geração para seus filhos, netos e bisnetos, na construção de um território comum de vida e de bem viver.

É em diálogo com este território, no contexto do isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19, que nasce o projeto *Caderno de Plantas e Ervas Medicinais das Mulheres da Serra dos Paus Dóias*, no sentido de promover o reconhecimento e fortalecimento dessas mulheres, seus saberes, a identidade e memória de sua comunidade. Continuidade de trabalhos desenvolvidos

anteriormente pela Chã – coletiva da terra, em parceria com Maria Silvanete Lermen, agrofloreitora, benzedeira de mãos postas e educadora popular na Serra dos Paus Dóias, o projeto propôs a realização de uma oficina de troca de saberes entre as mulheres detentoras dos saberes de cura e uma oficina de bordado, realizada junto às anciãs, jovens e crianças da comunidade.

Desses encontros nasceu o caderno *Terra Linha Planta Oração*, resultado do trabalho dedicado de cada uma das mulheres e participantes das oficinas, na partilha de suas histórias e criação coletiva dos bordados. A publicação está organizada como uma planta – raízes, caules e ramificações, tal como propõe Maria Silvanete em sua reflexão sobre a ancestralidade e a irradiação dos saberes:

E o que é a ancestralidade? A resposta me veio num sonho: a ancestralidade sempre será ramo, sempre será semente, sempre será flor, sempre será folha, e sempre será galho – uma continuidade constante, sem fim. A ancestralidade é esse galho que comunica e ao mesmo tempo nos deixa livres, que guia e ramifica, como numa agrofloresta, onde tudo está sempre interligado, onde as plantas, o plantio e o manejo estão entrelaçados com toda a rede de saberes de um povo e de um território, porque se não for assim, ela não existe, não tem razão de existir. Isso é o saber em rede, a nossa diversidade, o que cada um de nós traz a partir de nossas árvores matrizes, de nossas mães, nossas avós - nossas raízes pivotantes.

Narradora que faz as costuras entre essas mulheres, o território e o mundo ao redor, Maria Silvanete aparece no caderno como uma voz de alinhavo. É através do seus depoimentos que apreendemos um pouco mais sobre o território, as lutas e enfrentamentos da comunidade, o trabalho cotidiano e incessante de

cultivo e regeneração da terra, dos corpos, da memória e da identidade coletiva da Serra dos Paus Dóias.

A primeira parte da publicação é dedicada à apresentação, nota editorial, e textos críticos, contextualizando o projeto, suas ações, princípios e parcerias. A segunda parte é dedicada às narrativas das mulheres, todas elas Marias, agricultoras, benzedeiças, raizeiras e curandeiras da Serra dos Paus Dóias. A partir de suas vozes, numa língua viva, conhecemos suas histórias, suas trajetórias como avós, mães, mulheres e filhas, profundas conhecedoras das práticas e saberes de cuidado, de cura e de alimento junto à sua família, vizinhos e comunidade. São elas que falam do benzo, das orações, das suas plantas de convivência e uso, da luta pela terra e da lida do dia a dia em suas casas. Farmácias vivas, essas mulheres são plantas-mestras, raízes irradiadoras de tudo o que é vivo e pulsa no território.

Na sequência, apresentamos as suas ramificações, homens e mulheres mais jovens, que aprendem com suas mães e avós o cultivo e o uso das plantas. Galhos e pássaros dispersores, que guardam em seus quintais sementes, mudas de plantas, árvores e ervas de cura que são ofertadas aos vizinhos, aos parentes, aos que vêm de fora em busca de cuidado. Pessoas que aprendem com os mais velhos que conhecimento é o que se vive no dia a dia, observando, fazendo junto, trocando e dialogando com práticas novas, mas sem perder os laços que os conectam com aquilo que vem antes de cada um deles.

Por fim, apresentamos os bordados. Rabisco e linha que durante os dias em que estivemos juntos alinhavaram sonhos e histórias. Foi ao redor do fogão a lenha da casa de Maria Silvanete, numa semana fria

e chuvosa de maio, que reunimos jovens, crianças, homens e mulheres para a oficina. A linha e o fogo como tecnologias do encontro - o movimento das mãos como gesto de partilha e memória, a cozinha como espaço de candura, quentura e acolhimento. Bordados que trazem histórias pessoais - uma memória da infância, uma planta de predileção, uma flor de devoção - perpassadas por uma memória coletiva que atravessa cada uma das mulheres, seus filhos, netos e bisnetos - uma ladainha, uma história de luta e de conquista, uma oração, as vivências que compõem o território.

Terra Linha Planta Oração é, assim, como tão lindamente nos fala Silvanete, nosso benzo coletivo, nosso partear comunitário, nossa contribuição e colaboração para o fortalecimento e reconhecimento dessas mulheres que são verdadeiros livros vivos, desse território que é cura, resistência e resiliência. Uma celebração à coletividade, à convivência entre os seres, às comunidades de vida e de cuidado, aos saberes e línguas vivas, a todas essas mulheres, homens - e suas ramificações - que narram, bordam, curam e reinam, dia após dia, outros mundos possíveis.

As primeiras articulações e mobilizações que fomentam este caderno aconteceram em novembro de 2021, no contexto do projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco, realizado pela Chã - Coletiva da terra, e financiado pelo GRRIPP - Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice. • Os textos que compõem a publicação foram editados a partir dos depoimentos coletados entre maio e novembro de 2022, no contexto do projeto Caderno de Plantas e Ervas Medicinais das Mulheres da Serra dos Paus Dóias, realizado pela Chã - coletiva da terra, em parceria com a Agrodóia - Associação de Agricultoras(es) Familiares da Serra dos Paus Dóias e Espaço de Vivência Maiêutica, com o incentivo do FUNCULTURA-PE e durante a vivência e ciclo Mulheres, Plantas e Cura, realizada em parceria com o Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida, em setembro de 2022.



PRIMEIRO FIO

Construindo uma chã de terra aprendiz para um bem viver

Marília Nepomuceno Pinheiro

A CHÃ - Coletiva da Terra é um coletivo de mulheres pernambucanas que promove formação, pesquisa, e práticas culturais com foco na agricultura regenerativa, justiça socioambiental, e autonomia. A coletiva realiza e fomenta ações de fortalecimento de pessoas moradoras dos sertões, agreste e zona da mata pernambucana, sobretudo mulheres, com ações de valorização e fomento da saúde integral, além de potencializar a produção de práticas coletivas para a soberania e autonomia de seus corpos, em comunidade. Ampliando o espaço de voz desses corpos dentro das relações familiares, na comunidade, e no próprio território.

A coletiva tem desenvolvido formações e ações no município de Exu, na comunidade da Serra dos Paus Dóias, zona rural de Pernambuco, atuando em continuidade na região desde 2020, principalmente entre mulheres e jovens agricultores, em busca de seu fortalecimento e autonomia. O município de Exu tem cerca de 31.700 habitantes, e na Serra dos Paus Dóias

vivem cerca de 300 famílias. Entre a comunidade, todas as famílias vivem da agricultura familiar, ou se relacionam historicamente com a agricultura familiar na região.

Junto às mulheres agricultoras, em significativo número, benzedeadas, rezadeiras, raizeiras e mezinheiras¹, que se fez este projeto e se faz a vida na Serra, no alto da Chapada do Araripe pernambucana, próximo às divisas de Pernambuco, Ceará e Piauí. Neste cenário, algumas mulheres têm vivenciado processos comunitários geradores de força e coragem para assumir-se publicamente enquanto detentoras de suas sabedorias e práticas de cura. No entanto, para além de suas assunções ou declarações públicas, na vida privada, suas histórias e trajetórias são declaradas e historicamente costuradas pelo manejo das sabedorias e práticas advindas das bênçãos, rezas e feitura de remédios do mato na região.

O projeto de pesquisa e ação, que culmina nesta publicação, foi tecido por agenciamentos entre essas mulheres, suas plantas e espiritualidades, a partir de fios a serem costurados literalmente entre si - gerando bordados, entre linhas, agulhas, plantas, orações e muitas mãos. O território do Araripe, onde fica a Serra dos Paus Dóias, é um lugar onde emanam-se sabedorias relacionadas ao cuidado humano, desde benzimentos a técnicas específicas para curar diversas enfermidades e mazelas que assolam a vida humana e não humana, dos animais, da terra, do território, da comunidade. Há rezadeiras e benzedeadas específicas para doenças graves que assolam o humano, para engasgos, para

¹ Mezinheiras são como se autointitulam na região dos sertões mulheres que materializam os saberes sobre plantas medicinais em alquimia de remédios caseiros, os quais são utilizados no cuidado de seus corpos, de suas famílias e da comunidade (ARAÚJO, 2016)

espinhela caída, para doenças de pele, assim como há para apagar incêndios, e para uma gama de outras coisas que norteiam e assolam a vida em comunidade. Junto ao manejo de crenças, rezas, bênçãos, e preparados de remédios feitos do que a terra dá, mulheres vêm historicamente, passando de geração a geração um conhecimento de um poço profundo, como diz Maria Silvanete Lermen, uma de nossas maiores narradoras-interlocutoras na Serra dos Paus Dóias, nessa lida com o território que vivem e por onde e como foram construídas.

Quem faz história e ciência somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre. Nós precisamos registrar isso. (...) Porque falar do Araripe é dizer que aqui temos um berço de saberes ancestrais muito profundo, que muitas vezes nós nem nos tocamos que temos isso, e que é tão profundo, tão histórico, e é o que faz a nossa resistência e nossa continuidade. (...) Nós somos a caatinga. Somos feitos das rezas, dos frutos e das raízes daqui. (...) A capacidade de se regenerar das plantas daqui tem a ver com a grande quantidade de flavonóides que elas têm, vocês sabiam disso?" [Entrevista realizada em 20 de novembro de 2021, junto a Maria Silvanete Lermen]

Com o projeto *Caderno de Plantas e Ervas Medicinais da Serra dos Paus Dóias* entendemos que a partir da sabedoria do bordado em mão livre - referência entre as agricultoras da região, em especial da Dona Maria de Lourdes - que possui cadernos com letras e imagens desenhadas por si mesma, fonte de seus bordados e roupas - e é benzedeadas de histórico renome no alto da Serra, poderíamos manejar a circulação dos saberes daquele território ecótono, entre a Caatinga e o Cerrado - bioma do alto da Serra da Chapada do Araripe. E, assim, a partir do bordado e dos temas que saíram deles

co-produzimos a intersecção com as sabedorias típicas do território entre as/os raizeiras/os, benzedeiros/os, rezadeiras/es e mezinheiras, além de buscar investigar a transmissão e legitimação dos saberes das plantas, animais e seres não visíveis presentes na sabedoria e ciência daquele lugar, e entre as mulheres que se entrecruzam por gerações.

É no contato com a redescoberta ou reacordamento de sabedorias populares e ancestrais, advindas das histórias orais familiares das pessoas e do território da Serra dos Paus Dóias, e também da Chapada do Araripe, que abrimos espaço para outras perspectivas de mundo e (re)criação de outros futuros possíveis, individuais e coletivos tomarem cada vez mais corpo.

É dentro de um emaranhado² de fios de conhecimentos e entre mulheres que costuram suas experiências de vida no mundo a partir da produção do que se pode chamar de uma saúde comunitária, e conhecimentos populares sobre cuidado humano e do ambiente, que podemos elaborar a experiência do *Terra Linha Planta Oração* na Serra dos Paus Dóias.

Entendendo que o mundo não é ou não deveria ser objeto de estudo ou pesquisa, mas sim o nosso meio de aprendizagem para vivermos comunitariamente melhor, é que reafirmamos em coletivo que presenças e aprendizagens são nossas maiores ferramentas, ou tecnologias sociais, diante da experiência que tem fomentado outras maneiras de ver ou viver o mundo.

Entre nosso mundo do limite, do viver em estado de crise, a nós, torna-se de suma importância que multipliquemos experiências comunitárias, horizontes

² INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. 2015. 5a imp. Petrópolis: Vozes, 2021.

e paisagens que estão fazendo esperanças em mundos outros que não o da terra arrasada e entre ruínas³ que estamos acostumados a vislumbrar. O que não é um esforço novo, mas é um esforço urgente e necessário para que possamos co-produzir outras formas de ser, viver e produzir mundos.

Terra Linha Planta Oração é uma reza bordada em conjunto, dentre o movimento de busca pelo reencantamento do mundo diante antigas e novas práticas populares de subjetivação de nossas existências. Precisamos pôr em prática outros projetos de organização social e sociedade, visibilizando práticas de cuidado e busca de bem viver, iluminando o que está sendo gerado em nossos campos de experiências coletivas, comunitárias e de produção de relações multi-dialógicas e multi-espécies desde os sertões brasileiros, produzindo outros sentidos no e para o mundo.

A nós é latente a percepção que as chaves mestras para as mudanças epistemológicas e de entendimento do mundo estão dentre as sabedorias populares de nossos povos e experiências comunitárias, dentre as mulheres e pessoas comuns. As práticas e saberes populares são, senão os maiores, os mais efetivos vetores, enquanto tecnologias sociais, de transformações sociais. E por esse motivo é que lançamos atenção e energia coletiva em fortalecer, visibilizar e fomentar a atuação de quem está nas bases do mundo (re)existindo e (re)elaborando a todo momento essas tecnologias, sobretudo se tratando de tecnologias do cuidado com a vida e a suas existências.

³ TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.



SEGUNDO FIO

Das mãos. Jeito especial de cuidar. Das mulheres.

Helena Tenderini

Antes da colonização dessas terras do lado de cá do Atlântico, a força das mãos que cuidam e curam estava aqui. Sempre esteve. Com seus dedos firmes, fortes, grossos, suaves, finos, delicados, longos, curtos, de formas infinitas, diversas, rejeitando padrões. Mãos de cor. Vermelhas, marrons, pretas.

Cores brilhosas como as estrelas, como a lua, o sol. Cores marcadas pela prata dos rios e cachoeiras desbravando em véu as rochas, em espumas as ondas do mar. Cores na riqueza amarela dos ipês paus d'arco, caraibeiras. Cores que sempre alegraram a imensidão desses chãos de norte a sul, de mar a matas, de leste a oeste, do sertão ao litoral. Cores mesmas e diversas que pintam as flores dos vestidos ao vento, dos jardins, mesas e quintais da comunidade da Serra dos Paus Dóias, na Chapada do Araripe, Pernambuco. Cores sim que vibrantes enfeitam por linhas e passeiam os bordados das mãos. Das mãos mulheres desse sertão alto de Exu, cidade, serra magnética, de enxame, de abelha, do mel

nativo, também de um Esù, orixá que chega, protege, abre fecha, que cuida. Igual às mulheres. Porta. Entrada e saída para a vida humana aqui na terra.

Essas terras que primeiro e sempre foram abençoadas pela força encantada dos espíritos nativos, adotaram quem chegou também em sofrimento das lâminas e correntes e ainda assim conseguiu germinar encantos com seus orixás, inquices e deuses de África. Pintando o sertão de um nordeste alto e farto com suas cores de luta, lida e labuta.

Essas mãos carregam histórias, transportam caminhos, contam possibilidades. Pode ser que esse jeito especial seja também consequência de um peso, um fardo imposto durante anos-séculos ao feminino daqui, do lado colonizado dessas terras que resistem. Pode ser que a força do lado colonizador do oceano impôs às mulheres do lado de cá serem grandes cuidadoras. Pode ser. Fato é que são. Hoje e há séculos são. Homens também cuidam e devem cuidar. De maneiras diferentes mulheres e homens cuidam e devem cuidar. Porém, homens foram muito desensinados. A tarefa da maternidade e de ser casa, de continuação da vida, firmou as mulheres como cuidadoras de mão cheia. E essa mão cheia de cuidados é voz de cada mulher no encontro dessas páginas.

São mãos-mulheres que aprenderam por necessidade, por herança, pelo “dom que Deus deu”, por sabedoria nata ou aprendida, pelo jeito, pela entrega, por aceitar estar à serviço, pela certeza da fé, pela intuição. Pelo feminino. Essas mãos que agradecem pela vida mesmo dura, sacrificada, lutada... agradecem!

Nessas páginas vemos palavras de mulheres que, de sol a lua, mexem na terra, cuidam dos bichos, da roça, da casa, brocam, fazem coivara, arrancam

mandioca, cavam, plantam, arrumam goteiras, arrancam venenos, espanam, varrem, cozinham, limpam sujeiras, levantam paredes, cobrem telhados, benzem, rezam, aparam vidas, tecem cestos, balaies, costuram roupas, rezam o terço, bordam, crocheteiam, tricoteiam, fazem remédios, constroem mundos possíveis desde seus próprios. Caminham pela linha da vida recebendo nomes em violência apenas pelo fato de cuidar. Feiticeiras, macumbeiras, catimbozeiras... como xingamento de humilhar, de entristecer, de pesar o coração.

São sábias. Parteiras, raizeiras, mezinheiras, rezadeiras, benzedoras, agricultoras, plantadeiras, cuidadoras.

Com as mãos movimentam mundos outros que o tempo conhece pela cura da fé. Cada conta rezada junta palavras de poder que saem dos lábios tecidas pela memória dos dedos no terço. Essa é uma das tantas formas. Rezar costurando com agulha e algodão é mais uma forma. São muitas. Aprendidas, ensinadas, recebidas, dadas. Reza de “atar sangue”, de curar bicheira, de salvar bicho e gente, de tirar engasgo da garganta e de levar embora dor de dente, reza boa em hora que não sobra, falta, reza pra cuidar de qualquer ser vivente.

E cada remédio de mãos, de toque e rezo junta-se às folhas, às ervas porque não existe nenhuma planta que não sirva: “a gente é que não sabe como é que faz e pra quê serve” (dona Maria Djesus), mas todas as plantas servem pra muitas curas diferentes, a gente só precisa conhecer, aprender. E esse saber que é de cura por tantos caminhos percorridos por essas mãos mulheres do sertão, da chapada, do Araripe estão aqui bordados nesse livro. Em cor, em poema, em alegria, em presente.

Das mulheres. Cuidar de jeito especial. Das mãos.



Raíces Pivotantes

Dona Maria de Lourdes

Nasci numa casinha de capim, de cumieira baixinha. E o capinzinho arrastando no chão. Nesse tempo a gente só tinha um prato, uma colher, um pote e uma panela. Hoje a casa é bem mobiliada. Mas quando minha mãe se casou, era uma casinha de capim. Comecei trabalhar mais meu pai com dois anos. Eu pegava uma cuia miudinha e semeava a maniva de mandioca na cova. Com cinco anos eu já buscava água na Tabocas, ajeitava os animais, e ia pra Tabocas. Pegava água e vendia no alto Serra, na cabeça do Araripe, em 1958. Três latas d'água subindo a ladeira, eu e mãe, ajeitando a lata nas coxas. Minha avó carregava a lata d'água na cabeça. Quando encontrava o pessoal no caminho morrendo de sede, ela dava um pouquinho. Nunca negou nada pra ninguém, que Deus dá mais! Meus irmãos homens eram seis e as mulheres eram quatro. Eu e comadre Djesus somos um coração só. Eu mais ela puxava roda pra fazer farinha. Botava um pau nas costas e puxava a roda, não tinha prensa. Passei muita consequência na minha vida.

Minha mãe era Maria Dino. Toda gente conhece ela. Ela pegava criança, assistia as mulheres. Pegou

criança que hoje está de cabeça branca já. Meus filhos todos foi ela quem pegou, do primeiro ao derradeiro. Tive vinte e cinco filhos, treze mulheres e doze homens. Só teve dois que ela não pegou – Cosme e Damião – que precisei ir pro hospital. Hoje tenho sete mulheres e dez homens vivos. Minha mãe rezava também, fazia reza de ventre caído, de atar sangue, e rezava nas pessoas. Mãe tinha muita caridade, era uma mãe da pobreza, quem ela via que precisasse de ajuda ela ajudava. Eu nunca deixei o pé de meu pai e de minha mãe.

Uma vez, na Semana Santa, quando eu ainda morava com minha mãe, chegou um velhinho que vinha toda semana lá em casa e que mãe dava comida. Eu era bem nova, devia ter uns oito anos. Ele chegou na janela e disse: “Dona Maria, alevante a bandeira de Nossa Senhora que ela abençoa!” E mãe disse que não sabia rezar. “Mas a senhora alevante a bandeira mesmo assim, que Nossa Senhora passa nas casas rezando.” A gente via que quando era a época das rezas ela abençoava a gente. E eu fiquei com isso na cabeça.

Quando me casei, tomei conta de minha casa. Já tinha meus cinco filhos. Eu comprava as roupinhas, cueiro, lenço, tudo branquinho, e riscava com carvão pra bordar. Quando uma vez, era dia da Santa Cruz, eu com aquela ideia antiga na cabeça... fui olhar na minha mala, que naquele tempo não tinha armário, e tava lá o lencinho bem branquinho, dobrado. Eu pensei: “vou fazer minha cruz e levantar minha bandeira!” Apanhei umas folhinhas de mato, fui até o pinhão, tirei o leite pra desenhar e levantei a minha cruz. Minha reza foi a graça que Deus e minha mãe me deram. Eu rezo todo mês de maio. Quando é junho, derruba a bandeira. Se não souber rezar, reza um terço, que mesmo assim Nossa Senhora

abençoa. Meus filhos eu criei e eduquei nesse caminho. Todo mundo gosta dos meus filhos e admira. Eles me têm respeito, eles são a minha vida!

Uma vez eu acordei e vi, naquela hora da vigília, às cinco horas, quando o dia tá clareando. Vi uma mulher do cabelo branquinho, de roupa azul, sentada numa cadeirinha. Ela me disse: “filha de Nossa Senhora, não chore, você sabe rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Salve Rainha.” Me deu um raminho e disse que eu rezasse sete crianças. Por isso rezo com ramo, foi Nossa Senhora que me deu na minha mão. Se for preciso, vou para a mesa dos santos e acendo uma vela pro anjo da guarda daquela pessoa. Não rezo pra mim não, só pro bem das pessoas. Mas por causa disso eu recebo nome de feiticeira. Me dá um desgosto. Se eu fosse feiticeira acendia vela para enricar e fazer dinheiro, mas eu cuido das pessoas. Essa é a minha fé.

Eu costumava rezar meu rosário na casa de um rezador. E toda vez que eu rezava eu desmaiava. Um dia ele me perguntou: “Qual foi o centro de luz que lhe limpou? Quem lhe rezou?” Eu disse que ninguém me rezava, só eu mesma que rezava pra Nossa Senhora do Rosário. “Então a senhora mesma se limpou.” Foi o que ele me disse.

Um dia, num bar, tinha uma mãe com uma criancinha doente no colo. A mãe me perguntou se eu rezava e me pediu pra rezar. Eu tive medo, vergonha, e disse que não rezava não. Então Nossa Senhora me deu castigo. Caí três dias de cama. Ela me disse que eu tinha que rezar, se não me castigaria. Meu velho me ouvia falando dormindo e dizia que era sonho, mas era Nossa Senhora. Essa graça foi Deus quem me deu, Deus, minha mãe, e Nossa Senhora. As pessoas não aprendem não,

elas nascem com o dom. Eu não fui pro rezador aprender, já nasci com esse dom. Foi o que uma senhora me disse: “A senhora tem um dom que ninguém lhe compreende. É um dom da igreja!”

Ainda hoje eu rezo criança. Quando eu era mais nova eu ia pra casa da minha sogra, que era bem pertinho do hospital. Era eu ver menino chorando, que eu pegava e sarava. Às vezes, a criança, o que carece é de uma reza! Às vezes entra na agulha e só o que precisa é de rezar. Eu rezo criança e mulher. Homem eu não rezo, não. Não pode forçar a sua natureza, fazer aquilo que não é pra fazer. Nossa Senhora me deu a parte dela, pra rezar nas crianças e nas mulheres. Os homens quem reza é Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo.

A reza que a gente faz pras crianças é o Pai Nosso, é o Creio em Deus Pai, é uma Ave Maria, uma Santa Maria. São essas as rezas. Eu já nasci com esse dom, mesmo sem ter leitura. Só estudei quinze dias, no catecismo. Nos meus cadernos eu escrevo. O que escrevi foi a minha neta que me ensinou. Eu via mãe bordando, e quando eu via umas florezinhas, eu tirava o desenho. Fazia os desenhos da própria cabeça. Sei tirar os desenhos, mas letra de leitura eu não sei não. Minha neta diz que conheço todas as letras. Quer dizer, conhecer eu conheço, mas eu não sei ajuntar. Uma palavrinha pequena eu ajunto, outras eu não sei não. Eu não podia estudar, porque dava destrato no trabalho. Hoje eu sinto uma dor tão grande porque não sei formar palavra.

Em minha casa a gente não sabe o que é uma injeção. Nunca levei meus filhos pro médico, nunca que agulha furou eles, nem tomaram nenhum comprimido. Criei todos com remédio do mato. Ensinei minhas filhas a botar mamona na cabeça: é pra dor de cabeça

e quentura de sol. Às vezes a pessoa tá com a pressão meio ruim e é só botar a folha de mamona na cabeça. Eu não tenho mais as plantas no meu quintal, carece de comprar. No inverno a gente planta, mas quando chega a seca fica ruim. Aquela planta que a gente mais adora? As que eu tenho amor mesmo é o alecrim, o manjericão e a alfavaca, que são as plantas da saúde da mulher. Todo mato é planta que serve de remédio. Mas pra gente que é mulher, tem essas bem específicas.

Sábado é dia de rezar meu terço. Graças a Deus, todo sábado, até hoje, eu tiro minha reza. Na igreja, o padre distribuía a folha pra acompanhar os cantos. Mas como eu não sei ler, minhas meninas cantavam. No rádio também dizia quais as páginas do livro que tinha o bendito e elas liam e acompanhavam. Minhas filhas ainda hoje têm o livro de reza: Maria, Celma, Mocinha, as três tiram a reza com o livro. Minha leitura foi pouca, então aprendi a fazer cesto, balaio, crochê, bordado. O que Deus quer é o que a gente faz. A minha vida é um romance, um jornal desde quando eu nasci até hoje.

Dona Maria de Lourdes Souza da Silva é agricultora, benzedeira, bordadeira. Vive com Seu Antônio em seu sítio na Serra dos Paus Dóias.



Dona Maria Djesus

Tudo o que Deus quer é o que a gente faz. Aprendi a rezar com uma senhorinha que vivia na casa de meu Padre Cícero. Ela sabia muitas rezas, foi me dando e eu aprendi, foi ficando na memória. Mas não tenho profissão de reza não. Rezo de engasgo, pra atar sangue e pra curar bicheira. Rezo só quando alguém precisa, um bicho, uma pessoa. O prazer nosso é fazer uma oração, fazer um Pai Nosso, uma Ave Maria, que é o que eu sei rezar, e, também, a gente ver qualquer pessoa ou qualquer vivente se recuperar.

Quando a gente tem a fé, a fé vai assim, crescendo na gente. É que se um pede, Deus dá de ouvir, que se Ele não ouvir Ele vai se abusar, porque a gente pede todo dia, toda hora, todo dia, toda hora! O que a gente puder fazer a gente faz, e o que a gente não pode a gente pede a Deus, a Nossas Senhora e a todos os santos! Porque se a gente se juntar, juntos somos uma comunidade. Do mesmo jeito são os santos, eles juntos a força é mais.

Quando a gente era criança trabalhava que nem jumento. São vinte e pouquinhos meus irmãos, só sobrou dez, quatro mulheres e seis homens. Era tudo na

roça, das 6h às 6h. Às vezes, a gente ficava na roça até de noite, vigiando as formigas. Essa era a necessidade da gente. Os meus pais eram fracos, então botavam todos na roça pra trabalhar. Meu pai era Pedro Germano e minha mãe Maria Francisca de Souza, Maria Dino. Ela ganhou esse nome por conta de meu avô que era Manuel Félix Ferreira, mas criou-se com o apelido de Dino, então minha mãe era conhecida por Maria Dino. Mãe era assistente de muitos anos, assistia o parto com as mulheres. Nunca morreu uma só criança ou mulher nas mãos dela, com a graça de Deus.

Já vou para setenta e três anos, sou agricultora, sozinha mais Deus e Nossa Senhora, que me protege. A gente tem que se conformar com a pouca sorte que ganhou, que mereceu. Tudo o que aconteceu, a gente tem que ficar atento, agradecer, tocar o pé pra frente e esperar o dia em que Ele disser: “Parou-se aqui! Vamo-se embora!” Tenho um casal de filhos e muito neto, o que mais tenho é neto. Deus criou e nós ajudamos. A gente criou duas sobrinhas e elas tiveram bastante filhos. Meus netos mesmo tenho é quatro. Mas os que foram criados mais a gente a consideração é a mesma.

Na minha correria, o dia é curto e a luta é comprida. Cuido da casa, cuido da roça, cuido das galinhas, dos meus porcos e das vaquinhas. Pra mim não sobra hora não, que a hora não dá. Quando chega às 17h eu rezo o Terço das Almas. A lida é pesada, graças Deus. Mas o que eu mais gosto, o que eu mais prezo nessa vida é a saúde, a união e o rezar. Eu rezo o terço, que rica eu não sou. Sou rica é da graça de Deus. Rezo o Pai Nosso, o Creia em Deus Pai e o Rosário. Todo ano rezo o mês de maio, levanto a minha bandeira com a imagem do Senhor e o Cruzeiro, que a gente levanta com um pauzinho e põe

na frente da porta principal da casa. Rezo os trinta e um dias de maio. Levanto a bandeira no dia primeiro da consagração e derrubo no dia da renovação.

Eu não me curo com remédio de farmácia não, só com remédio do mato: folha de manga, alecrim, eucalipto, cidreira, boldo, todas são medicinais. O chá da folha de urucum é bom pra infecção, gripe, coração crescido. Faz o chá com três folhas. O chá se toma frio e sem doce. Toma por quatro dias, de depois, varia. Na minha mente, o que eu queria pra meninada mais nova era botar tudo pra saber rezar, respeitar e amar a Deus. Porque hoje em dia os meninos são desrespeitosos. O que o diabo quer, o diabo é, não sabem mais nem rezar nem se benzer.

A maioria não quer saber de remédio do mato, mas todas essas ervas que nós temos aqui, todos esses matinhos que nós temos aqui são medicinais. O que a gente não sabe é a gente que não sabe decifrar e usar. Por exemplo, o cipó de caititu, que faz cesto, é remédio. Tem o cruapé, que come a roça toda, é remédio também. Todas as ervas servem de remédio. A gente é que não sabe explicar como é que faz e pra quê que serve. Mas esse conhecimento é coisa que não se acaba nunca! Quem se interessar e quiser saber, não se acaba nunca, porque da mãe fica pra filha, da filha fica pra neta, da neta fica pra bisneta, da bisneta pra tataraneta. Se toda vida ficar se lembrando, não vai se acabar nunca! Se os mais novos vierem nos perguntar, a gente sabe ensinar!

Antigamente a pessoa quebrava uma perna e não dava defeito nenhum, hoje em dia se o cabra der uma estrepada já dá um mal perigoso! Naquele tempo, a gente não sabia o que era isso, se curava em casa. Hoje se come os produtos envenenados, não sei o que é isso!

Esse mal perigoso [a COVID-19], os remédios do mato já tinham curado muita gente e ia curar muito mais. Já tinha morrido muita gente, e ia morrer muito mais, porque o povo não se tratava mais com as ervas do mato, só com remédio da farmácia. Remédio da farmácia também é feito com erva do mato, mas tem tóxico.

Quem estava no começo do mal podia tomar o chá da casca do ipê roxo e a folha da graviola. Se estivesse no começo, a pessoa se curava. Mas se tivesse avançado, não tinha mais cura, pois quando o mal tá avançado, ele toma conta de tudo. Só a vontade de Deus mesmo. É que hoje em dia o tempo tá mudado. Quer dizer, o mundo é o mesmo, mas o gesto do mundo tá mudado.

Dona Maria Djesus de Souza Ferreira é agricultora, meizinheira e benzedeira. Vive em seu sítio nas Serras dos Paus Dóias.



Dona Maria Ferreira

Me criei aqui, perto dessa Serra. Já faz muitos anos que estou aqui. Tive treze filhos. Nunca dei com filho pra médico. Todos os remédios do mato era sempre o que eu usava. O meu médico era o mato. Pegava raiz de todo bicho, fazia chá, lambedor, e dava os filhos pra beber. Nunca fui pra médico. No tempo que criei meus filhos, era só com bicho do mato. Era com o que eu curava tosse, quentura, curava gripezinha leve. A tosse era no lambedor, com nove remédios que eu botava.

Eu aprendi com minha sogra, Dona Maria Dino, que minha mãe não era muito mezinheira como minha sogra. Então tudo que aprendi foi com ela. Para mulher gestante ela fazia os remédios, pra mim ela fazia purgante, leite de gergelim, tudo isso eu aprendi com ela. Então, quando meus filhos adoeciam eu já corria pra fazer meu lambedor pra eles ficarem bons.

Minha mãe falava pro agente de saúde que eu tinha criado doze filhos, e dos treze ela criou uma. Mas nunca criei filho pra dar uma gripe e eu correr pro hospital não. Naquele tempo as coisas eram mais difíceis. Hoje em dia meus netos já não querem mais, quando

adoecem eu falo pra fazer um lambedor de malva-do-reino, hortelã, espinho de cigano, malva-branca, mas eles correm logo pro hospital. Hoje em dia não querem mais fazer as mezinhas do mato. Mas se quiser eu passo tudo o que aprendi com minha sogra!

Ela fazia café de mirassol pra quem tava com dor de cabeça, ela botava nove sementes misturadas. Ainda hoje eu faço meu café de mirassol quando eu estou tonta: coloco semente de mostarda, semente de quiabo, semente de jerimum, semente de imburana, noz moscada pisadinha. Tudo isso ela fazia. Minhas filhas precisam aprender o que aprendi com minha sogra, que era a avó delas. Esse conhecimento que a avó delas passou pra mim. De mim qualquer uma pessoa que quiser aprender, aprende.

Eu andei com meu pai por dez anos. Ele adoeceu da trombose. Eu só sustentava ele no café de mirassol. Passaram remédio de farmácia, mas não estava fazendo bem pra ele, então, comecei a dar o café pra ele, tirei o remédio e ele melhorou. Depois de um tempo morreu na caminha dele, bem sossegado, não teve desinquietude nenhuma mais. Foi através do café de mirassol. Esse é um saber que não se acaba nunca!

Faz pouco tempo quebrei meu braço, fui para o Crato. Chegando lá o pessoal disse que eu tinha que fazer cirurgia. Eu logo disse: “rapaz, antigamente quando a gente quebrava um braço, o meu pai dizia que cortava umas palhinhas de banana, forrava o braço, enchia de mentruz, amarrava e a pessoa se curava.” Se era um pintinho que quebrava a perna e a gente fazia esse serviço, quando matava o bicho pra comer, tava bem emendadinho os ossos. Então a enfermeira me disse: “eu também quebrei um braço, ficou torto.” Ela me

disse que o pai contava que antigamente quebradura se emendava era com mentruz. Me contou que seu pai falava o mesmo. Não carece de colocar meu braço cheio de ferro não, quebradura a gente cura é em casa.

Eu não bordo nem costuro. Costumava costurar em máquina, remendava as roupas de meus filhos, mas alinhar pra bordar, eu nunca aprendi. Eu acho muito bonito, acho lindo a pessoa que borda. A minha cunhada bordava os cueiros dos meus menininhos, tudo bordadinho, branquinho. Se eu ainda enxergasse podia até ser de bordar, mas meus olhos hoje só enxergam feito neve. Conheço as pessoas pela voz, pelo jeito, mas pra decifrar não consigo mais não.

Qualquer mal que acontece com a gente é minha cunhada Djesus que reza, entrega a gente pra Deus, e a gente vai vivendo sempre assim, na oraçõzinha dela, no rezo dela.

Maria Ferreira Gonçalves, raizeira e mezinheira. Vive com Seu Jorge na comunidade da Serra dos Paus Dóias.



Dona Maria Benedito

Vim de Exu. Tive uma lida bem comprida por lá, um rascunho bem-feito! Morei pelos Sem Terra também, uns três anos, e hoje estou aqui. O que eu pude fazer na vida eu fiz, é como diz o dizer do outro. Eu tive a graça de ensinar a rezar o terço no jenipapo, lá no meio do terreiro, com um montão de homens, que eram os sem-terra. As orações que eu sabia, que eu preguei, eles aprenderam. A sabedoria que se tem a gente passa para os outros. Mas como diz o dizer do outro: o que eu faço eu esqueço. Já estou velha. O que eu fiz, já esqueci.

Quando eu e o marido casamos, foi na cara e na coragem. Quando tive meu primeiro filho, amoleci. Mas depois arregacei as mangas e pensei assim: meu filho não pediu pra nascer. Eu sou a mãe e ele é o pai. Então, onde meu marido pisou, eu pisei junto. Eu broquei, eu fiz coivara, eu arranquei mandioca. Eu não sei o que foi que eu não fiz! Tudo eu fazia: construía casa, telhado, arrumava goteira. A minha tarefa eu faço a minha, e ele faz a dele!

Fomos tendo os filhos. Criei doze. Quer dizer, Deus e Nossa Senhora quem criou. De manhã eu entregava à

minha mãe, aos meus irmãos, mas quando era de noite tava todo mundo junto de novo. E de dia eu tava pela roça trabalhando: era brocando, era fazendo tudo!

Teve um ano que teve uma seca grande e deram um trabalho pro povo. A gente foi fazer. Paulo pegou a foice e eu também. Ele ia brocando o mato mais grosso e eu o mais fino. O dia todinho, o dia todinho... Sábado, domingo, quando foi segunda a broca tava derrubada. Me machuquei, passei mais de mês com o pé pra cima. Nessa época eu não era muito de pegar remédio do mato, morava perto da rua [a cidade de Exu]. Tomava remédio de médico mesmo. Hoje eu uso remédio do mato. Faço meizinha. Ainda faço panela de lambedor, panelada de chá. Nessa pandemia, era panela de chá de todo bicho que é mato! Eu rezo o terço também, ajudando o povo por aí, nas casas do povo, pedindo a Deus pela saúde das pessoas da família.

Antes de vir morar na Serra, a gente morava em Exu, mas trabalhava pros lados de cá, onde passa um açude que hoje está seco. Depois dava uma volta, outra volta, e passava pelo segundo açude, que dizem que também está seco, o açude dos Amaro. Dali, a gente entrava pro pé da Serra, a gente trabalhava lá. Era tão longe! A gente trabalhava na terra dos outros, botava a roça direitinho, mas quando tava pronta, o dono dizia: “tá madura já a roça, desocupa que os meus bichos tão morrendo de fome!” Ah! Eu tinha uma tristeza tão grande com isso, uma tristeza tão grande que terminei andando com os Sem Terra, pelejando pra gente arrumar um pedacinho de terra pra botar meus filhos pra trabalhar.

Onde a gente estava, o dono da terra não ia vender, mas também não ia botar a gente para ir embora. A gente criava uns gadinhos. Falaram que o dono tinha

que desocupar. A gente saiu de lá e ficou zanzando. Paulo tinha colocado uma roça lá embaixo, pro pé da serra, mas não deu muito nada de futuro. E foi chamado pra trabalhar aqui no alto. Ele veio e botou a rocinha dele aqui. Chamaram ele pra comprar essa terrinha. Ele dizia que não tinha como comprar não. Era oito mil reais. Tinha umas cisternas, tinha algumas coisas boas.

Eu não queria deixar meus filhos lá na rua, o derradeiro já tinha nascido. Eu trabalhava no mato, mas os meninos ficavam na rua. Eu não queria criar eles assim. A gente só tinha a casa de morada. Então a gente vendeu a casa pra morar na Serra. Eu vim com Daniel, José, Luís, Edite e Zé Carlos. Os outros filhos já tinham procurado seu lugar no mundo. Então, por uma graça de Deus, pelo que nós sofremos, Deus Pai nos deu esse pedacinho de terra aqui. A vida melhorou muito depois que a gente veio pra cá. Hoje a gente tem o direito de viver do jeito que a gente quer.

Quando a gente morava no Exu ainda, a gente já fazia algumas lutas, acompanhava alguns grupos. Depois que chegamos aqui, também acompanhamos alguns grupos. Eu me sinto muito satisfeita de ter participado de um bocado de luta. Eu agradeço a todos aqueles que hoje estão reiniciando a luta, eu agradeço! Porque eu mesma gostava muito de pisar na luta, de acompanhar! E eu sinto assim, que o que eu tenho hoje faz parte de uma luta, faz parte de uma vida caminhada, sofrida. Mas a gente só arruma as coisas lutando. Até a salvação a gente tem que arrumar com luta! A gente deve lutar para chegar lá.

Naquela época, eu tinha ouvido dizer que vinha um padre pra cá, que era um padre da luta. Eu disse: “eu agradeço padre, porque só tenho fé naquele que bota

a pessoa pra trabalhar, naquele que bota a luta!” Eu já acompanhei essa luta. Deixava os filhos presos dentro de casa, porque nesse tempo era perigoso o Exu: “nós podemos morrer, mas vocês ficam aí escondidos!” Eles se queixam, porque eles tinham vontade de ir junto e não sabiam por que a gente segurava eles em casa. Eu ia e danava no meio do mundo! Mas graças a Deus nunca aconteceu nada com a gente, e hoje nós estamos todos aqui. Tudo fez parte de uma luta. É como diz o dizer do outro.

Isso dos rastros... eu me lembrei de quando a gente lutava aqui na capela. A gente convidava o povo e dizia que era muito importante. Eu não falava dos pés, dos rastros, mas eu falava das pegadas. Eram as pegadas! Nossas pegadas ficavam da nossa casa até a igreja. “Vamos gente, caminhar, que mesmo que a gente vá embora, nossas pegadas nunca vão se acabar!” Então eu acho muito importante aqueles que fazem essa luta e que fazem essas pegadinhas, porque serve pro irmão, pros outros irmãos. Hoje tudo isso passou. Se acalmou. Hoje eu vejo a luta muito gostosa.

A Deus querer, com o esforço do meu velho e dos meus filhos a gente chegou até aqui. Depois que a gente veio pra cá, a gente trabalhou que nem gente grande. E acabou fazendo a casa de farinha. Pra mim foi muito importante a gente ter chegado até aqui pelo avião da farinha. Essa moradinha onde a gente mora foi construída com o dinheiro da farinha, fez parte de uma luta de Deus. Era uma casa pequena. A gente foi levantando. Primeiro eu não entendi por que levantar uma casa desse tamanho, mas meu velho disse: “tem os netos, tem os filhos e o pessoal que vai chegando.” E graças a Deus já tem aparecido tanta gente nessa casa!

Eu fico feliz quando acontece, quando meus filhos vêm pra cá. Ajuntou-se quase tudo! Faltou muito pouco pra ficar todo mundo junto.

Eu também gosto muito do meu jardim! Gosto da minha rosa rosa, mas não sei o nome de nenhuma dessas plantas. Já tirei tanto retrato nesse jardim! Eu digo assim que eu plantei essas plantas pra quando eu morrer. Quando eu morrer, eu quero me achar no meio das minhas plantas. Na vontade de Deus, eu tô representada no que eu fiz nesse mundo.

Dona Maria de Souza Benedito é agricultora, mezinheira, rezadeira da família, conhecedora dos matos de cura. É mulher se Seu Paulo e mãe de Maria Silvanete. Vive com o marido, filhos e netos na Serra dos Paus Dóias.



Dona Maria Bezerra

Meus filhos são Antônio, Raimundo, José, Socorro, Damião, Aparecida, Ana, Antônia, Francinaldo e Francisco. Foi uma luta criar meus filhos, mas valeu a pena! Meus dez filhos quem pegou foi Dona Maria Dino, mãe de comadre DJesus. Ela quem pegava todas as crianças. A gente só criava os filhos com chá de endro, de folhinha de hortelã, botava dentro raspinha de noz moscada. Hortelã, malva-do-reino, tem muito remédio bom, endro, erva-doce. Arruda serve pra tanta coisa! Tudo remédio do mato. Tenho ali no meu jardim.

Nasci num lugarzinho chamado Boa Vista. Minha mãe se chamava Joaquina, Joana Maria da Conceição. A minha avó, mãe de minha mãe, era Joaquina também, ela era rezadeira. A minha mãe rezava de tudo, de ventre caído, tudo o que era reza de criança. Minha avó rezava de ventre caído, de olhado, de engasgo, de peito aberto, e de tria, que é quando a pessoa cai e tria o pé, machucou, tá triado.

Então minha mãe aprendeu a rezar com a mãe dela. Quando a mãe dela morreu, ela que ficou rezando o povo. Mas minha mãe não quis ensinar pra mim, não.

Um dia, a gente lavando roupa nas pedras ali pra cima, uma pedra caiu na perna de minha mãe e machucou. Ela disse assim: “Ei Maria, vem aqui, minha filha!” Cheguei e vi o pé dela machucado e então ela me pediu pra rezar nela. Disse a ela que eu não podia, porque ela não tinha me ensinado e eu não sabia rezar. E fiquei com medo de inventar, e o povo ficar me mangando: “aquilo é uma doida e não sabe de nada!” Então ela me disse: “vem e reza com fé em Deus, que fica bom.” Pronto! Eu devia ter uns quarenta anos já. E desde esse dia eu comecei a rezar.

Depois que ela morreu, eu fiquei rezadeira. Passei a rezar o povo. E todo mundo logo soube. Quando foi um dia, eu estava na Capela de Santo Expedito e minha irmã falou assim: “olha esse menino chorando com o pé inchado!” O menininho chorando com o pé inchado, a mãe querendo levar ele pro hospital. O pezinho dele não tava quebrado, nem tava fraturado, só machucado. A mãe então disse: “mas não tem quem reze!” E minha irmã falou: “essa mulher aqui reza!” apontando pra mim. E eu: “deixe de disso, que eu não rezo!” Então a mãe foi pegar uma agulha na casa de uma mulher que era vizinha, que a gente reza com a agulha e o algodão, e eu rezei no pé do menino, rezando e costurando. Quando foi no outro dia, ela me procurou e disse: “melhorou, porque essa noite o menino não chorou de jeito nenhum, se ficar mais inchado eu trago pra tu rezar.” E ele ficou bom. Foi aí que começou.

Tem, também, uma ciência que a gente faz, a gente faz uma compressa d’água assim: minha mãe pegava uma panelinha de barro assim pequena, colocava um pouco de água dentro e botava no fogo pra ferver. Quando tava fervendo, minha mãe tirava, colocava

numa vasilhinha e botava com aquela água. Fazia uma rodelinha com um paninho, colocava no fundo da panela e a gente colocava o braço, se tivesse machucado o braço, se fosse o pé, botava o pé. Tinha aquela força, chupava tudinho pra dentro da panela. Quando acabava, ela tirava. Ela gostava de fazer mais de noite, por causa do vento. Ela rezava e fazia esse remédio. Eu olhava e perguntava: “isso é verdade, mãe?” Dizem que quem nasceu na sexta-feira tem pouca fé. E ela dizia: “não está vendo que é verdade, minha filha?” Às vezes, minha mãe pegava um bocadinho de sal e colocava dentro daquela água. Molhava o paninho com aquela água, torcia um pouquinho e cobria o pé machucado. Quando tirava o pano, que a quentura já tinha ido embora, ela tirava e fazia de novo. Fazia três vezes. Quando era em poucas horas, já estava caminhando. Ela fazia isso com meus irmãos.

Então, quando ela morreu, eu fiquei cuidando do povo. Mas eu não queria essa profissão não. Porque é assim: a gente reza o Pai Nosso todo dia e pede a Deus saúde, paz, harmonia. Reza pra São Sebastião, que é o santo que livra de doença, de peste, de fome, de guerra, de doença contagiosa, e de mal sem cura, porque a gente sabe que existe mal sem cura. Eu fiquei rezando de peito aberto. O povo vem chegando e procurando. Às vezes, Dona Lourdes manda alguém pra eu rezar de peito aberto. Eu digo: “comadre, tu manda o povo lá pra casa pra rezar!” E ela me diz: “se tu rezar, fica bom!”

Uma vez veio um senhor e o problema que ele tava eu não sabia rezar. Eu disse a ele: “esse sofrimento eu não sei rezar não, meu senhor. Me perdoe, que eu só sei rezar de peito aberto, esse problema que o senhor tá eu não sei rezar.” Fui em comadre Lourdes e ela me disse

que eu devia ter rezado o Padre Nosso. Essa é a oração que eu tenho mais fé! Eu aprendi assim, minha avó rezava e passou pra minha mãe, e eu rezo porque minha mãe rezava. Nunca cobre dinheiro de ninguém! Porque eu acredito que com as palavras de Deus ninguém ganha. Eu aprendi que não pode cobrar as palavras de Deus.

A reza de peito aberto é porque às vezes tem gente que sente esmorecimento do corpo, sente os braços esmorecidos, as pernas desequilibradas, fracas, e o povo fala que é porque está de peito aberto. A gente reza porque às vezes a pessoa está assim, a gente reza e as pessoas dizem que ficou bom. Mas eu não prometo cura, porque eu não sou Deus. Mas eu peço a Ele todo dia: “Deus, se alguém que vem pedindo pra eu rezar, dê a fé em nós, que Você pode curar, mas eu não posso.”

Eu peço aos meus santos, à minha devoção, para curar as pessoas. São Sebastião, São Francisco, Santa Terezinha, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, Santo Expedito, Santo Antônio, Virgem Pai Eterno, Nossa Senhora da Saúde, meu Padre Cícero, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora das Dores. Todos os dias de manhã eu venho pro meu altar e peço a benção ao meu padrinho Cícero. Essa é a minha vida, meu todo dia.

Maria da Silva Bezerra tem 64 anos, é agricultora e benzedeira de peito aberto. Vive com sua família em seu sítio na Serra dos Paus Dóias.



Dona Neli

Eu criei meus meninos assim, quando um adoecia eu fazia chá de anis estrelado, chá de cebola branca, de erva doce. Meus meninos nasceram fraquinhos, eu não dava fé. Meu segundo menino faleceu. Doutor cuidou, mas não deu de nada, dizem que foi quebranto. Naquela época eu não rezava, ninguém me ensinava. Um dia chegou uma velha moradora daqui, Dona Maria Dutra. Eu disse a ela: “Dona Maria, me ensina a rezar, meu menino adocece e eu não sei rezar.” E ela me disse: “vou te ensinar!” Isso foi pro ano de 1974. Ela me ensinou.

Aprendi reza de quebranto, olhado e ventre caído, que é quando está com disenteria. É só rezar. Ferida de boca quem me ensinou foi minha mãe. Perguntei pra Dona Maria se eu podia rezar pra qualquer pessoa. Ela respondeu: “Deus que dá.” Agora, toda vez que eu sou chamada, Ele me atende.

Tinha um menininho bem bonitinho, bem afiladinho, brincava, pulava. Um dia deu uma disenteria, um vômito nesse menino. Eu disse: “vou rezar!” Rezei e ele ficou bom que de tudo. Foi no outro dia, choveu de criança lá em casa pra eu rezar.

Eu rezo de noite e rezo de dia! Se eu lhe contar o milagre que Deus me deu, eu não sei! A reza é boa, é forte. Eu rezo com fé. De noite, as mulheres vão chegando lá em casa, e eu digo: “quando precisarem de mim, batam aí na janelinha da área.” E elas vêm. Toda reza é boa se rezando com fé. A fé é que cura. Se você não tem fé em um santo, pra quê vai fazer promessa? Deus dá, Deus tira.

Em casa eu rezo meu terço toda tardezinha, toda manhã. Rezo na meninada que vem toda, e graças a Deus até hoje estou aqui, eu mais o Valdemar, meu velhinho. Estamos com 65 anos de casado, nunca nos separamos, nunca brigamos. Eu tive dez filhos de tempo, se criou oito e ainda criei três dos outros. E não estou arrependida, porque todos são bons e me seguem.

Eu não conhecia a Serra. Eu vim pra cá meu filho mais velho tava com dezesseis anos e seis meses. Eu tenho uma casa no Exu, e fico um tempo lá e outro aqui. Mas não desapego daqui não. As coisas quando vem pro lado da melhora se encaminham. Quando eu era moça, eram sete irmãs, hoje só tem eu. Graças a Deus eu ainda tô viva, que prezo demais a vida. Deus já levou os outros. Eu tenho uma saudade dos meus irmãos! Eu fiquei dez dias de dieta quando minha mãe morreu. Achavam que eu ia morrer, ficar doida. Fiquei não, Deus é quem nos protege. Eu morava no terreiro dela, todo dia pedia a benção. Troquei uma casa boa por um rancho para cuidar de minha mãe, pra ter a sorte de morar mais ela. O nome dela era Ana. Eu criei a primeira filha e botei de Ana, e a minha filha que me deram com onze dias de nascida também.

Eu nasci na seca de 1932, fiquei sem pai com onze dias. Minha mãe criou sete filhos trabalhando na roça.

Ela era batalhadora, a minha mãezinha. A gente morava na Saudade. Tinha uma irmã minha, era quem cuidava de mim. Disse que torrava o milho, pilava, me dava pipoca e eu cuspi. Porque me deram pipoca tão nova se eu não queria!

Me criei numa lida tão grande, que eu nunca tive tempo quase nem de comer. Não tive tempo de aprender as coisas. Só aprendi a ler porque a cabeça era boa. Quando fui pra escola, era uma professora particular, e mãe não podia pagar. Era a vida do outro tempo. Essa professora era muito boa e me queria muito bem, e eu fui pra escola dela. Ela me ensinou e eu aprendi, primeiro a cartilha, depois o manuscrito.

Aqui eu faço toda a luta, eu acabo de almoçar, eu varro minha casa, eu lavo as minhas louças, lavo minhas panelas de noite para o outro dia, e varro esses terreiros tudinho, limpo os terreiros.

Das plantas, eu tinha um pezinho tão lindo de losna! Todos os dias eu tomo o chá de girassol, mostarda e noz moscada. Todo dia faço esse chazinho. Torra a mostarda e a semente de girassol no fogo bem baixinho, pouco pra não queimar, quando vê que torrou direito você pisa no pilão, a noz moscada eu ralo bem raladinho, coloco num vidro e todo dia vou fazendo o chá. É bom pra tremura.

A imburana de cheiro eu tomo quando estou gripada, e pra lavar machucado e pancada eu uso a aroeira.

A minha primeira reza, que foi no meu filho, foram três orações: três Pai Nosso, três Ave Maria, três Glória ao Deus Pai e oferecer à Nossa Senhora.

O de quebranto tem raminho. O de quebranto e ventre caído é assim:

Raio do sol quando nasce
Levais contigo
Quebranto
Olhado
E ventre caído

Reza um Pai Nosso e uma Ave Maria. E reza mais duas vezes um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Ofereci à Nossa Senhora do Desterro
pra desterrar
Olhado
Quebranto
E ventre caído

Só rezo uma vez, conforme a fé que a gente tem. Reza com o raminho, canafístula, qualquer raminho bem verdinho. Quando a pessoa tem olhado, o ramo fica em tempo de murchar. Murcha que tem vez que vai secar. A folha de canafístula você pega três raminhos bem verdinhos.

Rezo quebranto, olhado, ventre caído e ferida de boca. Rezo tanta coisa que o povo me ensina. Rezo de engasgo também, com cinza e colher de pau. Pra reza eu não recebo, ninguém paga as palavras de Deus, não. Basta a alegria que fica. São orações que são passadas, orações de procissões. De primeiro era difícil, mas o povo era sabido, ensinava tudo uns aos outros. Agora que hoje ninguém mais acredita. Mas também é isso, se a pessoa tiver uma doença, e você rezar e a pessoa não tiver fé, fizer que não está vendo, você não fica boa não. Que Deus, ninguém zomba da palavra dele.

Eu sou rezadeira, com quinze anos eu já tirava a Renovação do Coração de Jesus e do Coração de

Maria. Com quinze anos me casei e comecei a rezar a Renovação com légua de distância da minha casa. O marido ficava com os meninos para eu rezar. Dizem que morto não precisar rezar, mas meu Deus, depois que a gente morre é que precisa de reza! Eu sei que sou muito devota dos meus santos e rezei muito.

É tanta coisa na vida da gente! A gente que tem essa idade conta muita coisa, mas já está se esquecendo. A coisa mais que eu tenho medo é perder minha memória. Porque eu sou tão rezadeira! Eu sei de tanta reza decorada! Quando é de noite, eu rezo o terço e rezo tanta oração bonita. É Deus que me ensina! Quando eu vou me esquecendo vem a lembrança, porque eu me criei com minha mãe me ensinando. Ela me ensinou uma reza de Nossa Senhora da Conceição, que essa reza eu nunca deixo de rezar. Eu era menina quando minha mãe me ensinou essa oração e eu nunca mais me esqueci.

Eu acho tão bom viver, quero tanto bem a essa vida! Estou nessa idade, já sofrida, porque não é brincadeira. Uma pessoa como eu, não sei não como foi minha vida, Deus é quem sabe. Mas eu nunca pedi a morte em minha vida, nem hei de pedir. Eu vou morrer quando Deus quiser, não vou pedir uma coisa que eu tenho por certeza. Eu sempre fui muito alegre. Enquanto eu for viva, a alegria está aqui comigo.

Hoje amanheci com vontade de cantar, que eu sou cantadeira. Canto tanto no mundo que nem sei dizer!

Maria de Nazaré
Maria me conquistou
Fez mais forte a minha fé
E por filho me adotou
Às vezes eu paro e fico a pensar

E sem perceber, começo a rezar
O meu coração se põe a cantar
 À virgem de Nazaré
Maria que Deus amou e escolheu
Pra mãe de Jesus, o filho de Deus
Maria que só viveu pra seu Deus
 Maria do povo meu

Ave Maria
Ave Maria
Ave Maria
Mãe de Jesus

*Maria Neli Ferreira da Cruz é benzedeira, rezadeira e
meizinheira, moradora da Serra dos Paus Dóias, onde vive
com Seu Valdemar.*



Maria Silvanete

A mata dos Paus Dóias - continuidade e resistência

O lugar onde estão os paus dóias aqui no sítio é um lugar que considero sagrado, foi aqui que consegui compreender várias coisas, e por isso chamo esse espaço de Portal da Revelação. Foi aqui que entendi que esse ambiente é o meu território. Sempre imaginei, sempre sonhei com um lugar onde eu sentisse, onde eu conduzisse, onde eu pudesse trabalhar e compartilhar tudo aquilo que eu aprendi e continuo aprendendo, com as pessoas que viessem aqui, e, sobretudo, com os meus filhos. Aqui é o meu lugar, minha casa, meu aconchego, onde eu tenho paz para trocar com quem chega, onde eu encontro forças para seguir meu trabalho.

Entramos no Movimento dos Sem Terra, em 1997. Na época eu morava em Ouricuri, Pernambuco, e o Vilmar em Planalto, no Paraná. Mesmo estando em locais diferente, já tínhamos o mesmo objetivo, que era conseguir um lugar para morar, trabalhar, e afagar a terra. Em 2006 compramos esse cantinho, aproveitando

que mãe já morava aqui. Viemos embora de Bom Jardim, em Pernambuco, para cá.

Eu nasci em uma comunidade chamada Batedor, aqui em Exu/PE. Me vi criança passando por várias comunidades, por não ter terra. E esse lugar aqui é onde as minhas raízes se fincam, se estruturam, se expandem. É onde estou fincando a raiz pivotante dos meus filhos. Porque a minha já foi fincada, eu sou a ramificação dela, mas preciso fincar a dos meus filhos, para que eles também se ramifiquem.

Quando chegamos aqui, este espaço onde hoje temos essa mata de paus dóias era bem pequeno, as árvores eram bem baixinhas, todas muito feridas. Então, fizemos um trabalho grande de restauração e regeneração dessas árvores, fizemos muita lama, muito barro para cobrir os caules, porque a gente queria ver elas crescerem. A gente sabia que elas não completariam mais o seu ciclo, porque estavam muito machucadas pelo mau uso, mas a gente queria que elas crescessem. E elas cresceram.

Ao mesmo tempo que mostram a força do nosso cuidado, nos mostram também o que é isso de uma ferida aberta na natureza. Essa ferida que a gente abre sem se tocar, sem perceber, e que nos mostra que é necessário repensar o nosso movimento na Terra, nossa passagem por ela. Essas árvores contam sua história, anunciam e denunciam sua condição.

As cascas dos paus dóias são usadas para lambedor, tintura, tratamento dos pulmões, dores na coluna, ferimentos, disfunção sexual – possuem um universo grande de usos. Falamos muito do poder da natureza, mas não enxergamos esse uso irresponsável dela. Hoje, fazemos um trabalho muito forte no sentido

do cuidado na retirada da casca do pau dóia, no sentido de proteger o caule principal, sem matar a planta, retirando os galhos, entendendo a poda como processo de renovação. Isso também é ancestralidade: saber usar as plantas, fazer seus ritos, utilizar de seus cuidados, mas sem matá-las.

Nesse sentido, é esse o anúncio que esse ambiente nos traz – o anúncio de regeneração e de continuidade. Desde que chegamos aqui que fazemos esse trabalho de regeneração e de plantio, incentivamos cada família, cada pessoa da comunidade, a plantar um pau dóia no seu quintal, ao redor da sua casa, socializamos sementes, para que a gente possa repovoar nosso território, trazer de volta a árvore que dá nome à nossa comunidade, cobrir com seu manto verde a nossa terra.

Partejar o mundo, afagar a terra

Quando falamos em oração falamos em orar e falamos em ação, isso quer dizer que precisamos agir, que precisamos ter ação, e não só o rezo, não só o castigo, não só o joelho. Se ajoelhar pode ser muito perigoso quando você não sabe por que e por quem está se ajoelhando. Esse gesto de ação e de oração dentro de nós mesmos, essa busca por nós mesmos, enquanto vida, enquanto sujeitos e enquanto comunidade, precisa perpassar o nosso entorno, o nosso território, o nosso vizinho. Mas o que é avizinhar? O que são as comadres? Pensar essas questões nos leva para a ideia do partejar.

Quando falo de se avizinhar estou falando de costurar teias, que eu, meu vizinho e minha vizinha

tecemos redes, como uma parteira, que costura os cuidados para o nascimento de uma criança com todas as pessoas ao redor. Quando uma parteira cuida de uma gestante, ela está cuidando de uma comunidade inteira, mobilizando toda a rede de cuidados ao redor dessa mulher. Assim, o que temos é uma gestação conjunta, uma orientação tecida coletivamente, uma costura bem-feita, onde todos cuidam dessa gestante. Isso é um trabalho belíssimo, e quando aprendemos com esse afeto, entendemos que somos parteiras também, que quando uma próxima vizinha estiver grávida, vou saber qual o alimento, qual vitamina, qual erva, qual chá, qual cuidado ela precisa. Pois a parteira já fez um trabalho de preparação envolvendo toda a comunidade, a vizinhança.

Uma parteira sabe que precisa de outras pessoas para cuidar da gestante, para quando ela não estiver ali. Para essa vizinhança acontecer, a comunidade precisa se sentir grávida também, e ao mesmo tempo se sentir parteira. É isso o que mobiliza o cuidado coletivo, a gestação compartilhada - é este ato de partejar sendo partejada.

Desde pequenos aprendemos a dar a benção à nossa mãe de umbigo. Eu não entendia exatamente o que significava quando mãe dizia: “dê a benção à mãe, foi ela quem ajudou você a nascer”. Depois de um tempo a gente entende, e você começa a compreender por que a mãe de umbigo é também minha mãe, e mãe de minha mãe.

É a mãe de umbigo quem ensina quais são os primeiros cuidados, quais os melhores banhos de assento pra cicatrização, como banhar a criança para sarar o umbigo, o peito, qual óleo usar com qual planta para

fazer relaxar a criança. A mãe de umbigo tem todo esse cuidado. E assim você entende o porquê de dar a benção a ela. Minha mãe é também a mãe que me cuidou, a mulher por quem eu passo a ter uma grande admiração e elo. Ela é a mãe das mães, aquela que perpassa o cordão umbilical e se estende para além dele, desde há muito tempo. Esse cordão atravessa nossa origem, nossa identidade e quem somos nós numa comunidade.

É esse o nosso aprendizado. Precisamos nos tornar parteiras, parteiros, partejar, cuidar, nos responsabilizar pela vida uns dos outros, compartilhar o mesmo amor pela vida e pelo nascimento de todos os seres - de um pintinho a uma criança. Assim nos tornamos parteiras, benzedoras, curandeiras. Assim nos tornamos essa raiz mestra, a raiz pivotante que está dentro de cada um de nós, nossa ancestralidade. A partir do momento em que identificamos essa raiz e que ela passa a existir, ramificamos.

E o que é a ancestralidade? A resposta me veio num sonho: a ancestralidade sempre será ramo, sempre será semente, sempre será flor, sempre será folha, e sempre será galho - uma continuidade constante, sem fim. A ancestralidade é esse galho que comunica e nos deixa livres, que guia e ramifica, como numa agrofloresta, onde tudo está sempre interligado, onde as plantas, o plantio e o manejo estão entrelaçadas com toda a rede de saberes de um povo e de um território, porque se não for assim, ela não existe, não tem razão de existir. Isso é o saber em rede, a nossa diversidade, o que cada um de nós traz a partir de nossas árvores matrizes, de nossas mães, nossas avós - nossas raízes pivotantes.

Nos ensinaram a chegar somente até o marco dos quinhentos anos. Nos ensinaram a chegar somente até

as nossas avós, até as nossas bisavós. E nos esquecemos da raiz pivotante, que é mais profunda, que vai além da bisa e que continua para além dela.

Tratam nossa história como de nada mais existisse antes dela, mas tudo o que é vivo, tudo o que vive e permanece, vem de muito antes. E é justamente desse antes que vem o cordão, este cordão umbilical ancestral que nos une e que nos fortalece.

Eu sempre digo que quem tem a oportunidade de afagar a terra, afaga também os seus males. Quando eu faço um processo de benzo estou fazendo uma cura em mim mesma. E a partir de mim, faço esse irradiação para a outra pessoa. Com a terra não é diferente. Quem trabalha a terra consegue minimizar esse monstro que nos esmaga dia a dia e, regenerando a terra, regenera a si mesmo. Nesse sentido, o ato de cuidar da terra, o ato de partejar, é coletivo - o parto da vida, da nossa existência. Essa é a nossa forma de enfrentar os desgovernos, as violências, os apagamentos premeditados da memória. Essa é a nossa resistência.

O benzo, o fogo, a mãos e a mata

A benzedeira tem o poder das mãos. Esse é um potencial que todas nós temos, e que precisamos deixar florir. Nosso grande erro é deixar o medo nos matar e assim matarmos a nós mesmas. O benzo é um dom que precisa fluir, que precisamos permitir nascer - deixar vir ao mundo, chegar até você.

E como a gente nasce? A gente nasce em cada gesto, em cada ato, em cada movimento que vem de

dentro de nós mesmas. Tudo fica tão leve, tudo flui tão leve, que você se percebe conduzido - é esse o nascimento de si consigo mesma.

Então, a benzedeira é essa busca pelo equilíbrio, é ela quem faz esse trabalho de reequilibrar a energia entre o medo e a ação. Estamos desequilibrados quando o medo chega primeiro que a ação, quando ele nos barra e impede o gesto. Hoje o benzimento está na fogueira, é tido como errado, nos faz sentir medo de todo esse potencial de cura e cuidado que nós somos. Por isso é importante escrever, registrar, deixar para as futuras gerações o trabalho de cada um, de cada uma, o detalhe daquilo que é próprio de cada pessoa, o benzo que é próprio de cada um de nós. Esses são ensinamentos que não se encontram na internet, isso é próprio de cada mulher, de cada homem, de cada lugar, de cada comunidade e território. Todos nós temos essa capacidade de conduzir o cuidado. Cuidar do outro é cuidar de si mesma, cuidar da terra, cuidar do fogo, manter a vida viva e a chama acesa.

Costumamos ter muito medo do fogo, porque ele queima, mas o fogo é o que conduz, o que faz a purificação, o que nos aquece e nos alimenta. Todos os povos utilizaram o fogo. A chama, a fogueira eram a forma de comunicação com outros povos, com outros territórios, com outros planos.

Hoje utilizamos o zap e isso se dá de forma muito rápida. Mas antes a principal forma de comunicação se dava através do fogo. A capacidade de ler esse fogo, a fumaça, era a mensagem - um pedido de socorro, um anúncio de uma vida que chegava. A gente acabou se distanciando de tudo isso. Precisamos lembrar do que esquecemos.

O fogo não é só de uma única comunidade, de um único território. O fogo é nosso, é dos povos. Ao redor do fogo festejamos, dançamos, contamos histórias. Ele não era utilizado só para cozinhar o alimento, era também uma forma de fazer as limpezas espirituais, as purificações.

O fogão a lenha da minha cozinha vem pra dentro de casa porque ele me traz boas lembranças. Quando eu era criança era assim: se tivesse fogo, se o fogão estivesse aceso, eu sentia uma paz muito grande, porque era como se tivesse comida. Se não tivesse fogo, era como se tivesse tristeza. O fogão aceso me dava paz, me trazia segurança. Era o fogo alimentando a minha alma.

A defumação traz esse poder das ervas para a fumaça. As ervas que eu uso nos chás do dia a dia são as mesmas que eu utilizo na defumação, para a purificação do ambiente. As ervas que estão do chá são aquelas que perfumam a defumação. São ervas que trilharam o mesmo rio nas nossas vidas, a mesma condução. Cada vez que se trabalha um incenso, ou uma defumação, utilizamos também o mel, a cera de abelha, porque isso traz doçura, traz amor, traz coletividade, que é o que as abelhas representam.

Trabalhar a defumação com suas próprias ervas, aquelas que te rodeiam, que você faz uso cotidiano, são essas as suas ervas de defumação. São elas quem demarcam seu território, sua condução. Por isso não vendo incensos, por isso eu estímulo que cada um faça o seu próprio incenso, que potencialize seus territórios, seus entornos. O cheiro que buscamos numa defumação é o cheiro do nosso lugar, é o cheiro do que somos na mata.

Na mata existem várias árvores, uma dessas árvores somos nós lá dentro. É necessário nos encontrarmos enquanto mata, pois somos filhos da mata, somos filhos da terra. Mas quem somos nós na mata? Essa pergunta me leva a pensar qual cheiro me habita, me fortalece, me preenche - esse cheiro sou eu na mata.

Mas como eu consigo perceber que ali sou eu? Quando esse cheiro te traz firmeza, quando te preenche, quando te traz esse potencial de equilíbrio, de renovação. Essa árvore é você na floresta. Não podemos nos perder de nossas essências, do que somos nós enquanto mata, enquanto semente, enquanto cura, enquanto regeneração e fortalecimento. Não podemos nos esquecer que viemos das matas, porque se esquecemos isso, não somos mais nada.

O caminho da murta e da nossa existência

Aqui é o caminho da murta. Ela é uma planta nativa daqui. Em 2012, a professor Dyala [Brito Ribeiro] veio fazer uma pesquisa de doutorado sobre o poder nutricional da fruta da murta. Pra gente foi muito interessante, porque foi aí que a murta foi registrada, ela era uma planta ainda não catalogada. A gente já estava num processo bastante avançado na feitura da geleia, do licor, dos usos medicinais dessa planta, mas quando foi puxar, não tinha registro. Então Dyala parou sua pesquisa e foi cuidar desse processo de registro e catalogação.

E por que eu trago essa história aqui? Porque ela está ligada aos saberes dos povos. Porque mesmo

não sendo registrada, todas as pessoas aqui sabem, e já sabiam, que a murta é rica em ferro, que contém muita vitamina A. As pessoas sabem e orientam seu uso. No período da fruta, quando chega alguém de fora, o pessoal vai logo orientando: “coma, mas não coma demais, porque vai lhe dar gastura, ela tem muito ferro”.

A murta tem uma frutinha roxa, muito rica em tanino e contém muito flavonóide também. Quando você faz uma busca pelas propriedades da murta, você compreende por que as mulheres dizem que essa planta é excelente, que serve para a saúde da família, que com ela se faz banho de assento pra agonia nas partes. Quando você vai atrás dessas informações, desses palavreados científicos, você compreende por que ela é tão potente: é que o flavonóide faz todo esse trabalho de reconstrução, de restauração, tanto no homem quanto na mulher. Quando foi feita uma pesquisa pela professora Márcia Vanuza, que trabalhou junto com a gente, foi identificado que o creme vaginal da murta é excelente, melhor que os cremes de farmácia. E isso o povo daqui já falava há muito tempo: que a folha é excelente para banho de assento. Pra gente isso é muito importante.

E por que eu estou sempre trazendo isso do saber popular e do saber científico? Nós fizemos um levantamento aqui, fizemos um seminário onde fizemos a identificação de quarenta plantas, onde cada pessoa, cada família, foi trazendo uma, duas, três plantas e dizendo para o que servia. Então a gente aproveitou essa parceria com o IBAMA, e agora com o ICMBio e a Universidade Federal de Pernambuco, e fizemos esse encontro reunindo todos esses poderes de pesquisas – a pesquisa científica e a pesquisa científica-popular.

Reunimos as mulheres daqui, e cada uma foi dando seu depoimento, as raizeiras, as benzedeadas – Dona Djesus, Dona Maria Bezerra, mãe, Dona Lourdes - mas também os seus filhos e os seus netos. Foram contando suas histórias e sendo registradas. Foi muito bonito.

Quando foi a devolução, reunimos todo mundo de novo. E o mais bonito pra gente era ouvir as mulheres se reconhecendo: “aquilo ali fui eu que disse! Aquilo fui eu!” Então, pra gente, foi uma realização! Toda vez que lembro disso me emociono. Eu me emociono não pelo momento em si, mas pela importância da gente dar vida a essas mulheres, a importância da gente dar nome às nossas mães, a importância da gente dar nome às nossas avós, às nossas bisavós. A importância de trazer cada uma dessas mulheres e registrar suas histórias, de dizer que cada uma delas existe e que nós estamos vivos. Isso é importante demais!

Para nós, ocupar esses outros espaços, ocupar os espaços universitários, não é exatamente um lugar de orgulho, mas é principalmente um lugar de responsabilidade, de nos afirmarmos e dizermos quem nós somos e de onde nós viemos. Isso é muito profundo. De que adianta ser doutor se você não sabe nem de onde você veio, de onde você surgiu? O que você sabe de tudo isso? Qual a sua base de fato? De que servem todos esses títulos se eu não sei quem eu sou? Muitas vezes sou eu mesma que posso assassinar minha própria mãe, minha própria avó, ou o meu próprio bisavô, simplesmente porque os esqueci, porque deixei de ouvi-los.

Então, pra gente, trazer isso de volta pra dentro das comunidades e ouvir essas mulheres se reconhecendo, seus netos, seus sobrinhos as reconhecendo, dizendo alto que foi a avó, a tia quem contou essa história, é

bonito demais. Quer dizer que eu estou plantando um novo, que estou semeando, ramificando. Quer dizer que nós podemos sim continuar com todos estes saberes. Mostrar isso para o mundo lá fora é, também, uma forma de lembrar de todas essas histórias e de todos esses povos, ontem e hoje. Se não estivermos atentos a isso, somos massacrados. Por isso essa provocação de sempre buscarmos quem somos, de onde viemos, os que estamos construindo. Só assim manteremos vivo aquilo que querem matar dentro de nós.

Existe um processo histórico de desqualificação dos nossos saberes, dos nossos cientistas, da capacidade da existência dos nossos povos e dos nossos territórios. Uma desqualificação promovida pela grande mídia, pela indústria farmacêutica, pelas universidades sem compromisso com o seu próprio povo e sua própria história.

O conhecimento não é uma luz que se acende e do nada se faz. Ele sempre parte de um princípio, de uma base. E essa base está no campo, nas matas, nas comunidades. E muitas vezes é sobre essa base que se passa o borrão, que se apaga e se senta em cima. Portanto, fazemos também um trabalho de desconstrução desse conhecimento único nas universidades. Precisamos ocupar estes espaços e dizer que existimos, fazendo um trabalho de reavivamento dos saberes medicinais e alimentares dos povos.

Nós somos da nação Cariri, que são vários povos indígenas. Sabemos muito pouco dessa história, porque alguém fez questão que ela não fosse registrada, que não fosse contada. A gente vai repetir esse apagamento novamente? Nós não temos o direito de repetir isso novamente. Principalmente porque hoje sabemos quem

somos e de quem somos filhos e filhas. Então, quando falo da murta, ela vem com todo esse potencial. Quando trazemos sua essência, sua história na comunidade, percebemos que ela é muito mais que um frasco de remédio da prateleira de uma farmácia. É esse potencial de reavivamento da identidade desse lugar a partir da murta que estamos buscando quando falamos da murta.

Nesse sentido, é muito importante fortalecer a nossa farmácia viva, essa que está em nosso entorno, a farmácia dos povos, o alimento dos povos. Na pandemia orientamos muito o uso dos lambedores, assim como de alguns procedimentos das universidades. É este encontro das duas medicinas que precisa acontecer. Não podemos deixar que um saber seja anulado pelo outro, mas sim perceber a importância de cada um. Nos aproximar dessa medicina não significa que estamos perdendo os nossos princípios, mas que estamos agindo em diálogo, de maneira complementar, de acordo com a necessidade. Foi isso o que aconteceu na pandemia. E é isso o que precisamos compreender, que estamos sempre nascendo, nos atualizando, mas nunca negando a nós mesmos e nossos conhecimentos.

E quem somos nós afinal? Somos esse povo que vem buscando essa essência, que vivemos estes saberes no nosso dia a dia. Foi justamente na pandemia que recolhemos mais de um milhão de assinaturas no Brasil inteiro para um abaixo-assinado dizendo que o governo precisava reconhecer a importância das ervas medicinais e dizer que o povo podia sim utilizar as plantas como medicina complementar ao combate à COVID-19. Somos muitas lanternas e torres, só precisamos nos alinhar.

Este levante foi tão importante, foi nesse período que nos mobilizamos, que organizamos lives aqui em

Exu para apresentar as ervas, como usar, como fazer o acompanhamento coletivo das famílias, uma vez que o isolamento nas casas era quase impossível, dado o número de pessoas numa mesma casa. Então fizemos uma orientação que fizesse sentido na na nossa realidade, fizemos essas conversas, esse enfrentamento, dizendo dos protocolos que nossos pais e avós sempre fizeram no combate às epidemias, quando toda a família era cuidada e tratada, num acompanhamento coletivo. Estamos nos Brasis, não tem como termos protocolos iguais para todos. E quem nos ensina isso? Os mateiros, as curandeiras, as raizeiras, as benzedeadas.

Nosso levante é também esse voltar-se para nossas próprias raízes, esse caminho que fazemos de volta pra casa. É na volta pra casa que a gente vai se encontrando com aquilo que nos deixa em paz – um cheiro que nos fortalece, uma lembrança, tudo aquilo que nos mostra que somos capazes de mergulhar mais profundo no caminho que buscamos. Não temos um norte se não temos base. E voltar pra casa não é voltar para um lugar específico, mas para um território, as plantas que habitam esse território, são elas que nos acompanham. Basta observar nosso entorno. Quando uma planta chega no nosso quintal, precisamos saber para o que ela serve. Fazer o histórico dessa planta é importante, porque às vezes é você quem vai precisar, ou seu vizinho. É só olhar ao redor e entender essa vizinhança com as plantas, sentir sua presença, entender os seus usos.

O que nossos inimigos desejam é que nos matem a esperança. Então, uma roda de troca de saberes, pra mim, é fundamental. É quando os territórios se encontram para a promoção da vida, para a promoção do existir,

para aquilo que podemos fazer. Eu não posso ir sozinha, eu preciso de mais gente, preciso de mais força. Preciso ir além do meu território e da minha comunidade. Eu preciso ir além, para que a gente consiga fazer com que nosso cordão fique mais forte. Cada pessoa que chega aqui não chega por acaso. Chega porque nós precisamos nos fortalecer, precisamos compreender que nós estamos no caminho e que não estamos sós. Essa é a construção, a busca de vários territórios. E cada um tem uma forma de chegar. É essa diversidade que nos torna fortes, o que nos torna resilientes.

O que a gente está tentando mostrar é que muitas vezes o simples fato de compreender que existimos é suficiente, é necessário e impulsionador para que a gente sonhe e tenha esperança, para que isso não morra ou não nos matem dentro de nós mesmos. Este é o nosso trabalho, a nossa responsabilidade – o cuidado coletivo com o chão, com o território, com a terra, com as pessoas, porque disso depende a continuidade da vida nas nossas comunidades e no nosso planeta.

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen é agroflorestora, benzedeadas de mãos postas, educadora popular. Vive com seu marido Vilmar e seus filhos Jeferson, Pedro, Fernanda e Débora em seu sítio, na comunidade da Serra dos Paus Dóias.





Ramificações

Catarina

Sou Catarina, mãe de Agna e esposa de Moisés. Eu sempre digo que sou daqui, porque nasci no Ceará, mas me criei aqui no Pernambuco, nessa Serra. Aqui é minha casa.

Andei pelo mundo, mas voltei de novo pra cá. Quando fiquei viúva, ficou quatro de menor, só tinha um de maior. Faz doze anos. Eu tenho cinco filhos do primeiro casamento. Minha primeira família já está criada, já sou avó.

Conheci Moisés lá em Petrolina, e ganhei outra família. Eu trouxe ele pra cá e aqui a gente se casou. Tem nove anos que me casei mais ele. Os outros filhos dele era a tia quem cuidava, entregaram pra gente, de papel passado e tudo. A Ágna tinha seis anos, e o outro cinco. O meu primeiro neto eu que cuidei também. Tenho consideração por todos ele.

As plantas e ervas do mato eu sempre uso. O capim santo eu uso pra calmante, a erva-cidreira, o hortelã da folha graúda, e também o da folha pequena também, que eu não gosto de faltar ele não. Das plantinhas do meu quintal não sei nem dizer qual eu gosto mais, que

todas são boas pra remédio. A hortelãzinha pequena eu gosto demais do cheiro. É tão gostoso! Tenho sempre losna também, gosto de plantar. O manjericão, a malvasanta eu tenho tudo lá no meu quintal.

Desde pequena que via minha mãe plantar, ela gostava muito, sempre tinha plantas no seu quintal, ao redor da casa. O nome dela era Maria da Conceição, nós éramos sete irmãos, três mulheres e quatro homens. Foi com ela que aprendi.

Catarina Gomes de Viveiros é agricultora. Vive com seu marido Moisés e sua filha Agna em seu sítio, na Serra dos Paus Dóias.



Moisés

Sou Moisés, marido de Catarina e pai de Agna. Conhecido como Moisés do Brega, cantor, humorista, e assim vamos levando a vida. Sou agricultor também. Nasci num sítio chamado Sítio Serrinha, separado de minha mãe e de meu pai. Fui criado pela minha avó, vivia do roçado.

Aos dezenove anos fui tomar rumo da minha vida, em Petrolina. Catarina e eu chegamos aqui tem pouco tempo, mas como eu venho do roçado desde a minha infância, sempre me adaptei mais nesse ambiente. Já fui morar em cidade, não gostei. A cidade é muito quente, sufocante. Onde tem cidade quase não tem árvore, que nos dá a proteção e a saúde que a gente merece.

Aqui a gente vive da agricultura. Aqui e acolá a gente canta uma música, mostrando um pouco do que a gente tem. Sou conhecido em toda essa Serra e pra distante dela!

Eu sou benzedor também, vim com um pouco do que aprendi. Deus me deu esse dom, não sei como apareceu. As pessoas quando vem ficam boas. Acredito que é Ele quem dá o dom e a gente tem que servir. Remédio também a gente faz. Às vezes chega alguma

pessoa precisando do remédio e a gente já tem ali no quintal, a gente não deixa faltar. A nossa farmácia é a nossa própria casa.

Minha avó falava que quando fosse o tempo, o pessoal ia adoecer quase todo de uma vez só, que é o que nós estamos vivendo hoje, com essa pandemia. As pessoas estão correndo para os médicos e não estão encontrando cura. Veio muito médico aqui pro interior pedir informação sobre as plantas medicinais quando a pandemia estava mais forte. Muitas pessoas vieram atrás dessas plantas.

Outro mal que a gente tem é a depressão. E quais são as plantas pra cuidar junto da depressão? São plantas bem fáceis, todo mercado tem, que é a erva doce, a camomila e o endro. Essas plantas acalmam aquela depressão que a pessoa tá.

A gente fala muito disso, porque onde a gente chega tem alguém doente, que está indo pro médico e não tem resultado. Vai ao médico, toma duas injeções, um remediozinho e acha que está ficando bom, mas quando vê, continua doente.

Hoje as pessoas estão procurando muito as plantas medicinais. E a gente ter isso em nossas casas, nos nossos quintais, a gente sente o privilégio de poder ensinar um pouco dessa sabedoria, dessa cultura que a gente tem tão forte aqui na comunidade.

O remédio não é só pra mim, é pra quem chega e precisa daquilo que veio buscar. O remédio é pra gente passar para mais pessoas. Era isso o que a gente aprendia, o que a gente ouvia falar de primeiro: “taí a farmácia de vocês, não deixem faltar, levem de geração em geração.” Até hoje Deus não permitiu que a gente perdesse essas sementes.

Hoje poucos cultivam, mas às vezes, faltou numa casa, a gente já vai atrás de um vizinho, já traz uma mudinha, e assim vai zelando, cuidando ali daquela farmácia. Nosso saber é esse. E a gente vai vivendo nessa alegria, nesse trabalho, que é o conhecimento da Serra dos Paus Dóias.

Moisés de Oliveira é agricultor, músico, raizeiro e benzedeiro. Vive com sua mulher Catarina e sua filha Agna em seu sítio, onde são guardiões de sementes e plantas de cura da Serra dos Paus Dóias.



Francisco Carlos e Maria Ni

Meu nome é Francisco Carlos, tenho 27 anos e sou filho de Maria Ni. Fui criado pela minha avó paterna, Gualterina da Silva Barbosa. Ela era do sertão, do Sítio Cacimbas, a uns quinze quilômetros daqui. Ela adoeceu em 2017, então larguei a faculdade de Física pra cuidar dela. Quando foi em maio de 2018 ela faleceu. Passei um luto, fiquei um tempo na casa de uma tia minha que mora lá em Exu e que eu considero uma mãe também. Eu sempre digo que tenho três mães: minha mãe, minha tia e minha avó. Quando ela faleceu eu vim morar aqui na comunidade.

Minha avó sempre cuidava de mim com a medicina ancestral, quase não me lembro de ir pro hospital. Ela fazia chá, lambedor, xarope, banho de planta, banho de raiz, banho de casca. Ela rezava também, benzia criança, principalmente criança pequena. Minha avó morava no Sertão, o conhecimento das plantas eu aprendi com ela.

Aqui em casa tem muita planta. O marmeleiro, você tira a entrecasca dele e coloca de molho pra beber. Além dele, tem o cambuí e o araçá. São todos anti-inflamatórios, e tem outros benefícios também. Toda

planta serve pra muitas coisas. Tem, ainda, o pinhão-roxo, o leite dele é cicatrizante, você pode beber.

Do algodão crioulo, daqueles pés roxos, de antigamente, você faz o leite do caroço e bebe. Fica bem um leite mesmo, é bom para hemorroida. De primeiro, quando não tinha energia aqui, pisava no pilão. É bom pra quem sai muito caroço na pele, na coxa, em todo canto, cabeça-de-prego. Pra quem bota sangue pelo nariz, é só esmagar a folha e cheirar. [Dona Maria Ni]

Batata-de-purga você seca, e pra quem tá ruim da barriga, resolve. Cajueiro é cicatrizante. E também o ipê-roxo. Os paus dóias, a copaíba, você tira o óleo dele. O lambedor é bom pra tosse.

A alfazema de caboclo a gente bebe o chá. O boldo é amargo e é bom pra dor de barriga. O chá de mamão usa pra diabetes. A malva-corona a gente toma com mastruz e leite, trata inflamação e pancada.

O melão São Caetano minha avó usava muito, porque ela inchava os pés. Fazia o banho com uma colher de chá de sal, uma colherzinha de vinagre, as folhas do melão e deixava o pé de molho.

E, por último, o cedro medicinal. Ele é bom pra coluna. Você põe a entrecasca na cachaça, porque se for pra beber com água não desce não. Tem que botar na cachaça. É amargo e fedorento. Quando tá perto de chover, o cheiro dá engulho. É muito forte o cheiro. [Dona Maria Ni]

Mas a planta que eu gosto mesmo é o cipó caititu, porque eu aprendi a fazer cesto, artesanato com ele. Era uma terapia pra mim. E quando eu cheguei aqui eu descobri que o chá dele é calmante também, mais calmante ainda! O que eu preni primeiro foi fazer o caçuá, pra botar milho na roça. Ele tem dois cambitos

de madeira que você coloca na cangalha e carrega em jumento. Eu aprendi olhando meu pai fazer, e com minha avó. Mas depois de uma certa idade ela disse que não conseguia mais fazer, por causa da vista, mas conseguia me orientar. Você olha e parece uma coisa simples, mas às vezes eu fico imaginando como foi que meus ancestrais fizeram, como pensaram em pegar o cipó, secar e fazer o cesto. É muito bonito isso.

Francisco Carlos é artesão e raizeiro. Vive com sua mãe, Maria Ni, agricultora e conhecedora dos matos de cura, em seu sítio na Serra dos Paus Dóias.





Cidália

Na minha porta coloquei a espada de São Jorge e outras que não conheço o nome. O pessoal me dá e eu planto. Gosto muito de plantar, aprendi com minha mãe. Os chás também aprendi com ela. Ela gostava de plantar as plantinhas dela, fazer o jardinzinho dela. Então sempre gostei de plantar na minha casa também. Onde eu chego é assim. Minha mãe se chamava Maria Rosa Ferreira, nascida no Catolé. Ela casou-se com meu pai, que era daqui e veio morar pra cá. Ela gostava da Serra.

Nasci e me criei nos Paus Dóias. Sempre faço uso das plantas do mato, faço chá de arruda, chá de hortelã, essas plantinhas assim que a gente faz de remédio. Com a malva-do-reino eu faço lambedor pra gripe, pra inflamação. Aqui na Serra todo mundo usa a malva-do-reino. A arruda a gente usa de proteção pra olhado e usa o chá pra dor de cabeça, quando a menstruação vem. Pra mim a arruda é maravilhosa, é a minha planta! Sempre que saio, quando vou para um lugarzinho qualquer, coloco uma galha no bolso.

Cidália Ferreira de França, conhecedora dos matos de beleza e de cura, bordadeira. Vive na Serra dos Paus Dóias.





Os Bordados

Narrar o tempo, curar os sonhos

Ana Paixão de Carvalho e Pepa Mattos

Em maio de 2022, no período das chuvas no alto da Serra dos Paus Dóias, nos reunimos - mulheres, homens, jovens e crianças - para bordarmos juntos as ilustrações que compõem este caderno. Foram dias de experimentação, descobertas, trocas e renascimentos. Dias de conversa ao redor do fogo, de brincadeira dentro de casa nas noites frias, dias de alegria, de encantamento.

As mãozinhas miúdas das crianças aprendendo a passar a linha e bordar o rabisco. As mãos das mulheres mais velhas, que guardam o tempo e a memória do gesto de bordar, tantas vezes repetido nos seus paninhos de altar, nos cueiros de seus filhos e filhas, nas bandeiras de devoção de seus santos. Mãos firmes de homens que remendam em casa suas roupas de trabalho, que tecem o cipó para o feitio do cesto. Mãos que desenham, bordam, e contam histórias. Mãos que cuidam da terra, das plantas, e de tudo o que é vivo. Mãos que tecem e renovam os sonhos.

É da memória, do tempo, e do amor que estes bordados falam - a casa da infância, o quintal da mãe,

o ramo de flores que orna o altar, a árvore do futuro, criada coletivamente pelas crianças, a partir das plantas que suas mães e suas avós cultivam em seus quintais.

Gesto atualizado, porque antigo, troca sensível entre gerações. O fogo como elemento que reúne, que aquece e que acolhe. Que cozinha o alimento e defuma a casa. O cheiro dos sonhos esquecidos, as histórias rememoradas, porque vivas dentro de cada um de nós. Linhas que costuram redes e constróem laços.

Nestes dias de maio, vivemos e reafirmamos aquilo que nos têm ensinado as comunidades e povos tradicionais: *o futuro é ancestral*. E seu tecido, a coletividade. Este é o convite que fica: vamos sentar ao redor do fogo, é tempo de ouvir e fiar histórias, reinaugurar com elas, a muitas mãos, os nossos sonhos, e o mundo vivo que habitamos.









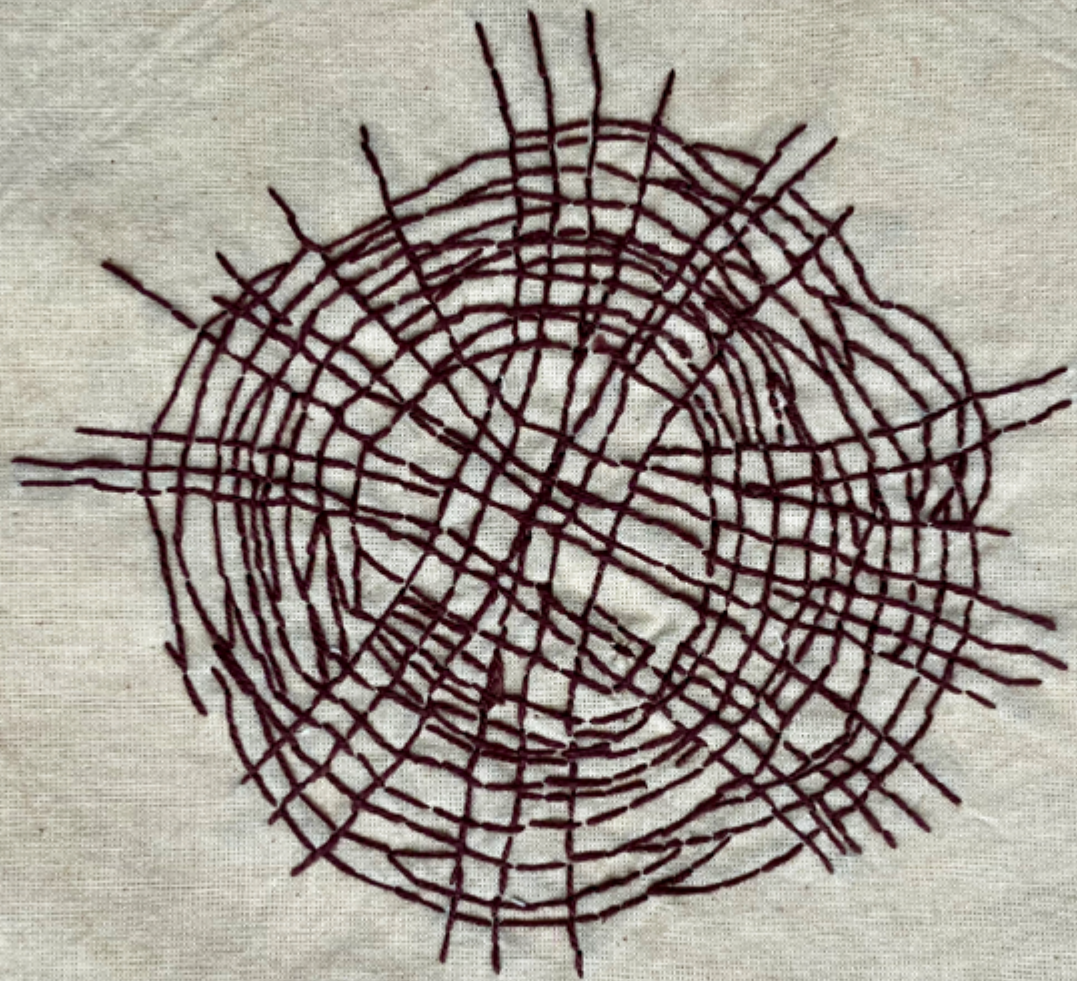




ROSELI



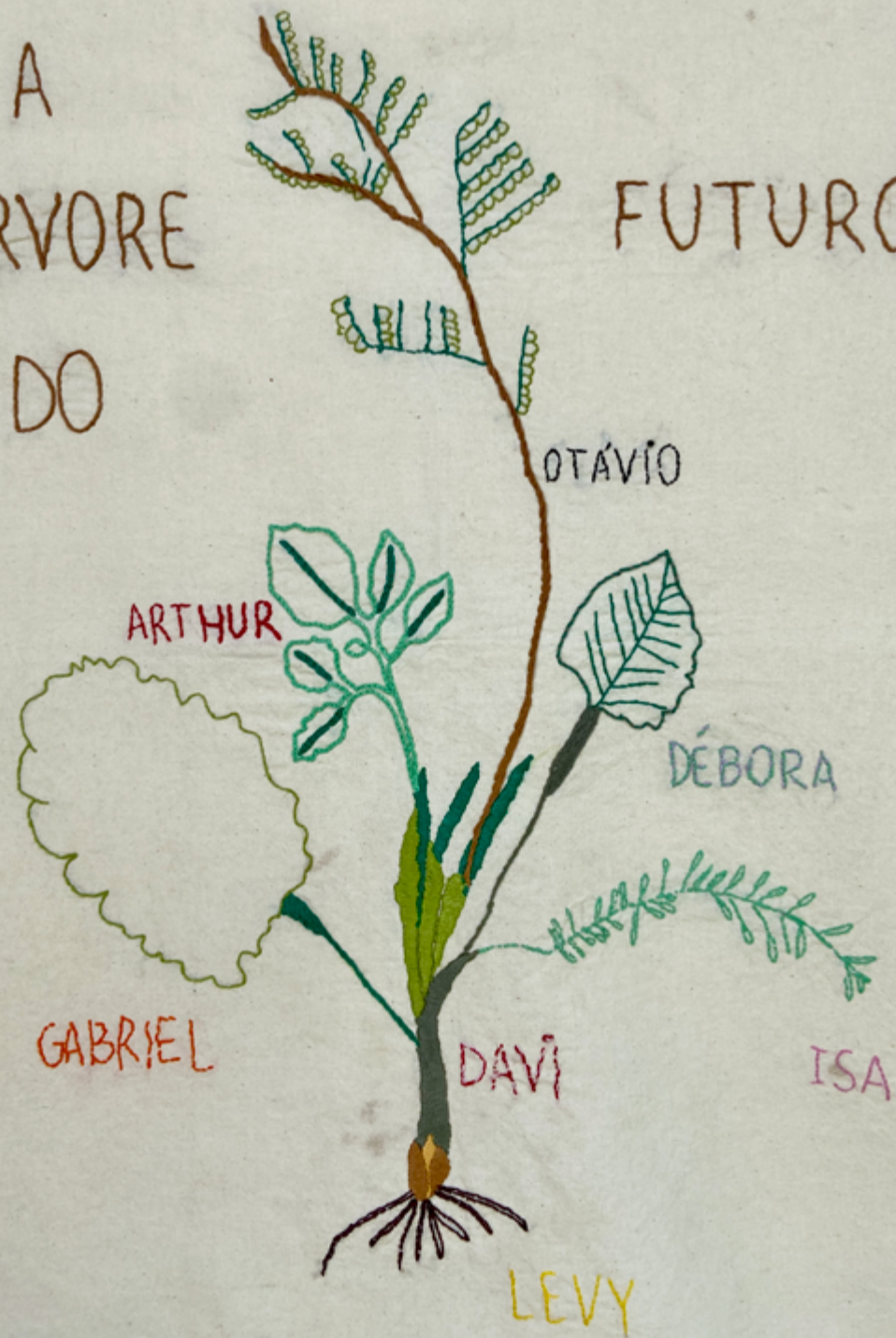






A
ÁRVORE
DO

FUTURO



A EQUIPE

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen é mulher negra, do território da Chapada do Araripe. Está cursando Ciências Humanas. É agrofloreitora, educadora popular, orientadora em saúde comunitária, benzedeira de mãos postas, orientadora de portais ancestrais, praticante e pesquisadora das vivências dos povos. Casada com o agricultor e agrofloreiteiro Vilmar Lermen, é mãe de quatro filhos - Jeferson, Pedro, Fernanda e Débora. Vive e trabalha com sua família na Serra dos Paus Dóias, Exu, Sertão do Araripe, Pernambuco.

Marília Nepomuceno, brasileira nascida em Pernambuco, é uma mulher-cis negra, afro-indígena (também lida como parda) e mãe de duas crianças. Aprendiz para um bem viver, é co-coordenadora da Chã - Coletiva da Terra, cientista social, mestra em antropologia e técnica em agroecologia. Entre os ofícios de articuladora cultural, educadora popular e pesquisadora, co-coordena também o projeto “Cartografia de Parteiros Indígenas em Pernambuco”, além de colaborar em alguns outros projetos e ações que costuram diálogos entre a ecologia política, as relações humanas e mais que humanas, e as relações entre territórios, memória e patrimônio.

Helena Tenderini é parteira, rezadeira, capoeira, educadora, artista e detentora de saberes e práticas relacionadas aos cuidados naturais com plantas, ervas medicinais, alimentação e saberes das mãos. Mãe de

quatro filhos, Makambi, Malaiika, Malakai e Aluandê, vive em comunidade com sua família no Sítio Malokambo em Tracunhaém, Zona da Mata de Pernambuco.

Ana Paixão de Carvalho é artista, cineasta, agrofloreitora e educadora popular. Há mais de 20 anos trabalha junto a povos indígenas e comunidades tradicionais na criação compartilhada nos campos do cinema, artes visuais e agroecologia. Investiga as relações entre memória, território, comunidades de cura e a convivência entre os seres humanos e mais que humanos. Dedicar-se à criação de uma poética do cuidado e da regeneração, atravessada pela escrita, vídeo, fotografia, desenho, intervenção, plantio e outras linguagens. É co-coordenadora da Chã - Coletiva da Terra e co-idealizadora da Miriti - Escola do Comum. Mãe de João e Juno, vive na área rural de Paudalho, Zona da Mata Pernambucana.

Pepa Mattos é bacharel em Comunicação Social pela PUC-MG e pós-graduada em Estudos sobre a Cultura Visual pela Universitat de Barcelona. Se dedica às artes manuais desde 2013, quando formou parte do Coletivo Feito à Mão, grupo responsável por intervenções urbanas e obras decorativas em grandes formatos em São Paulo. Desde então, transita pelo bordado a gastronomia e à pesquisa sobre autorretratos. Atualmente, trabalha em suas primeiras obras individuais de colagens têxteis. Promove encontros e pequenos cursos dedicados ao autoconhecimento, utilizando as artes manuais como principal ferramenta dentro desses processos. Vive e trabalha em Casa Branca, Brumadinho/MG

CRÉDITOS

O Projeto

Idealização e Coordenação Geral

Ana Paixão de Carvalho
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno Pinheiro

Articulação Territorial

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Referência viva de pesquisa cultural

Maria de Lourdes Souza da Silva

Narradoras | detentoras dos saberes de cura da Serra dos Paus Dóias

Maria da Silva Bezerra
Maria Djesus de Souza Ferreira
Maria de Lourdes Souza da Silva
Maria de Souza Benedito
Maria Ferreira Gonçalves
Maria Neli Ferreira da Cruz
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Pesquisa

Ana Paixão de Carvalho
Helena Tenderini
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno Pinheiro
Pepa Mattos

Consultoria

Helena Tenderini

Coordenação Oficina de Troca de Saberes

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno Pinheiro

Coordenação Oficina de Bordado e Ilustração

Ana Paixão de Carvalho
Pepa Mattos

Participantes das oficinas

Agna Ribeiro da Silva
Aline Gonçalves da Silva
Arthur Batista Ferreira
Francisco Carlos Gonçalves Barbosa
Catarina Gomes de Viveiros
Cícero Souza da Silva
Cidália Ferreira de França
Davi Domingos de Sousa
Dafne Sousa Alves
Débora de Sousa Lermen
Edite de Souza Benedito
Fernanda de Sousa Lermen
Gabriel Wesley Ferreira de Morais
Gilson Levy Benedito Santana
Jorge Germano da Silva
Maria Benedito de Souza
Maria Djesus de Souza Ferreira
Maria de Lourdes Souza da Silva
Maria Ferreira Gonçalves
Maria Isabel Ferreira de Morais
Maria Neli Ferreira da Cruz

Maria Ni Gonçalves da Silva
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Moisés de Oliveira
Otávio de Souza Benedito
Pedro de Sousa Lermen
Roseli dos Santos
Simão Gonçalves da Silva

Coordenação das ações educativas

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Imagens de divulgação

Fernanda de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno Pinheiro
Marcenaria Olinda

Divulgação

Giuseppe Bandeira - Agência Motyrõ

Coordenação de comunicação Agrodóia e Espaço de Vivência

Fernanda de Sousa Lermen

Coordenação de Produção

Marília Nepomuceno Pinheiro

Produção

Ana Paixão de Carvalho
Jeferson de Sousa Lermen
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Assistência de Produção

Fernanda de Sousa Lermen

Pedro de Sousa Lermen
Roseli dos Santos
Vilmar Lermen

Cozinheiras

Leiliane Batista de Moraes
Jeferson de Sousa Lermen

Elaboração e gerenciamento do projeto

Tita (Tatiana Almeida) - O Praialta

Realização

Chã - coletiva da terra

Parceria

Agrodóia – Associação de Agricultoras/es Familiares da Serra dos Paus Dóias
Espaço de Vivência Maiêutica
Selvagem – Ciclo de Estudos sobre a Vida

Apoio

Ateliê Josefa
Escola Waldorf Rural Turmalina
Marcenaria Olinda
Miriti - Escola do Comum
O Praialta

Incentivo

Funcultura-PE

O Caderno - Terra Linha Planta Oração

Coordenação editorial

Ana Paixão de Carvalho

Organização

Ana Paixão de Carvalho

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Marília Nepomuceno Pinheiro

Autoras

Maria da Silva Bezerra

Maria Djesus de Souza Ferreira

Maria de Lourdes Souza da Silva

Maria de Souza Benedito

Maria Ferreira Gonçalves

Maria Neli Ferreira da Cruz

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Sistematização, redação e edição

Ana Paixão de Carvalho

a partir dos depoimentos de

Catarina Gomes de Viveiros

Cidália Ferreira de França

Francisco Carlos Gonçalves Barbosa

Maria da Silva Bezerra

Maria Djesus de Souza Ferreira

Maria de Lourdes Souza da Silva

Maria de Souza Benedito

Maria Ferreira Gonçalves

Maria Neli Ferreira da Cruz

Maria Ni Gonçalves da Silva

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Moisés de Oliveira

Ilustrações | Bordados

Agna Ribeiro da Silva

Ana Paixão de Carvalho

Arthur Batista Ferreira

Francisco Carlos Gonçalves Barbosa

Catarina Gomes de Viveiros

Cícero Souza da Silva

Cidália Ferreira de França

Davi Domingos de Sousa

Débora de Sousa Lermen

Fernanda de Sousa Lermen

Gabriel Wesley Ferreira de Moraes

Gilson Levy Benedito Santana

Maria Isabel Ferreira de Morais

Maria de Souza Benedito

Maria de Lourdes Souza da Silva

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Marília Nepomuceno Pinheiro

Otávio de Souza Benedito

Pedro de Sousa Lermen

Pepa Mattos

Roseli dos Santos

Retratos e fotografias

Ana Paixão de Carvalho

Raiz pivotante (p.132) – imagem gentilmente cedida por Elisa Mendes para bordado sobre fotografia, de Pepa Mattos

Retrato de Moisés (p.116) - publicado originalmente no *Caderno 2 - As filhas da terra da Serra dos Paus*

Dóias, realizado no âmbito do projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco, realizado pela Chã – coletiva da terra, e financiado pelo GRRIPP - Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice.

Digitalização e tratamento de imagem

Marcenaria Olinda

Projeto gráfico e diagramação

Ana Paixão de Carvalho

Marcenaria Olinda

Acessibilidade

Mundo Grande Acessibilidade

Consultor cognitivo – Ednilson Sacramento

Audiodescrição – Cauê Maia

Agradecimentos

Nosso mais profundo agradecimento às detentoras e detentores dos saberes tradicionais de cura da Serra dos Paus Dóias, que também desenvolvem a agricultura de baixa emissão de carbono na perspectiva da agrofloresta na comunidade, por manterem seus saberes e seu território vivos e pulsantes. Agradecemos, ainda, à comunidade, pelo acolhimento, construção coletiva e dedicação ao projeto. Por fim, agradecemos a todes que de alguma maneira colaboraram no seu desenvolvimento e apoio, em especial à Anna Dantes, Conceição de Maria Freitas Nepomuceno, Cristina Calheiros, Elisa Mendes, Fernando Ancil, Kássio Almeida, Madeleine Deschamps, Maria Lúcia Carvalho, Pedro Jaime Ziller, e ao Selvagem – Ciclo de Estudos sobre a vida.

Realização



Parceria



Secretaria de Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
A RETOMADA NÃO PARA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terra linha planta oração [livro eletrônico] /
organização Ana Carvalho Z. Araújo, Maria
Silvanete Benedito de Sousa Lermen, Marília
Nepomuceno Pinheiro. -- Paudalho, PE :
Ed. dos Autores, 2022.
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-56729-8

1. Ancestralidade 2. Curandeiras 3. Medicina
popular 4. Mulheres - Relatos 5. Plantas medicinais -
Brasil, Nordeste 6. Plantas medicinais - Cultivo
7. Sabedoria 8. Serra dos Paus Dóias (PE) - História
cultural I. Araújo, Ana Carvalho Z. II. Lermen, Maria
Silvanete Benedito de Sousa. III. Pinheiro, Marília
Nepomuceno.

22-135845

CDD-616.024
NLM-WB-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina popular 616.024

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ISBN: 978-65-00-56729-8

CA



9 786500 567298